Caio Fábio

IGREJA

CRESCIMENTO INTEGRAL

UMA ABORDAGEM AMPLA SOBRE O FENÔMENO DO CRESCIMENTO QUANTITATIVO E QUALITATIVO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS NO BRASIL

IGREJA
CRESCIMENTO INTEGRAL

Transformado em livro, o registro das palestras proferidas pelo Rev. Caio Fábio no 11º Congresso VINDE para Pastores e Líderes tornou-se um acessório indispensável a todo aquele engajado na jornada da Igreja Evangélica no Brasil e comprometido com o mover destes fascinantes momentos da história do cristianismo.

Como conciliar saber, profundidade, intrepidez e intensidade?

Como encarnar, como Paulo, um projeto teológico, doutrinário, reflexivo e que, ao mesmo tempo, saiba dizer a um paralítico: "Em nome de Jesus, levanta-te e anda".

Através desta leitura, você estará presenciando uma das mais envolventes e corajosas abordagens de temas relacionados à Igreja Evangélica no Brasil, tais como: caráter, política, profundidade, carisma, marketing, ética, finanças e imagem pública.

VINDE
COMUNICAÇÕES

IGREJA

Crescimento Integral

Caio Fábio



A João Bezerra com a minha gratidão pelos seus 10 anos de amizade e serviços ministeriais.

Publicado com a devida autorização e
todos os direitos reservados à

VINDE COMUNICAÇÕES

Caixa Postal 100.084
24001-970 - Niterói - RJ
Tel.: (021) 719-8770
Fax.: (021) 717-6404

Primeira Edição - 1995
Tiragem 3.000 exemplares

Revisão
Suely de Carvalho e Elivânia Lima

Editoração Eletrônica
BECin Bureau

Não é permitida a reprodução de nenhuma parte deste livro, sob qualquer forma, sem a permissão por escrito do autor e da Editora.

SUMÁRIO

Cap.: I

Fenômenos da Igreja Evangélica 11

Cap.: II

Carisma para Éticos e Caráter para Carismáticos..... 37

Cap.: III

O Desafio de Manter o Crescimento
Numérico sem Perder de Vista
a Profundidade do Discipulado..... 77

Cap.: IV

Mudando a Imagem da Igreja sem
Recorrer ao Marketing Barato.....101

Cap.: V

O Poder e a Presença de Deus..... 141

Conclusão..... 159



APRESENTAÇÃO

Tal análise da Igreja Evangélica Brasileira só poderia ser feita por alguém que freqüenta suas recâmaras, que tem acesso à sua memória e que tem a capacidade de falar e traduzir suas diversas línguas. Alguém que lê as entrelinhas "apócrifas" que, como cracas vão, ao curso do tempo, se agregando à palavra de Deus pelo simples exercício de uma interpretação naturalmente míope ou propositalmente mal intencionda.

Encontrar os caminhos da verdadeira igreja de Cristo, através de tantos descaminhos, é tarefa árdua que requer mais que paciência - requer amor à Verdade, à Palavra, a Jesus Cristo: seu autêntico Dono, Criador e Mentor.

Dizer que "Igreja: Crescimento Integral" é o produto final de suas considerações sobre o tema também não equivaleria à exatidão. Quem conhece o autor e suas obras sabe de sua mente incansável de especulador e explorador das muitas estórias que escrevem a História. Nós, seus editores, ousamos dizer que este seu "passeio" continuará através de seus livros, pregações e mensagens. Sua jornada não tem fim.

Aceite nosso convite e seja seu companheiro de viagem e, assim como nós, aprenda, emocione-se, sofra e ria junto, mas acima de tudo engaje-se neste projeto grandioso de Jesus Cristo: o crescimento integral da sua igreja.

OS EDITORES



FENÔMENOS DA IGREJA EVANGÉLICA

Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra; sangue, fogo e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (Atos 2:16-21)

Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes. Pois entre estes se encontram os que penetram

sorrateiramente nas casas e conseguem cativar mulherinhas sobrecarregadas de pecados, conduzidas de várias paixões, que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé; eles, todavia, não irão avante: porque a sua insensatez será a todos evidente, como também aconteceu com a daqueles. (II Tm 3:1-9)

O que está acontecendo nesse momento na Igreja Evangélica no Brasil é impressionante. São coisas interessantíssimas e fantásticas, de um lado, e coisas extremamente preocupantes, de outro. Os dois textos transcritos no começo deste capítulo iniciam-se assumindo como sendo descritivos dos últimos dias. O primeiro é um texto profético do Velho Testamento, do profeta Joel, e que foi agora passado por Pedro no dia de pentecostes, quando o Espírito se derramou, quando línguas de fogo caíram sobre a cabeça de cada um dos cento e vinte que estavam no cenáculo, e quando eles prorromperam, falando em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. Este fenômeno atraiu multidões extasiadas que estavam fora do cenáculo. Essa multidão "de fora" veio cobrar explicação para aquela manifestação. Pedro se ergue no meio da multidão e faz uma ponte entre o Velho Testamento e o Novo. E ele, que está vivendo nos primórdios, no iniciozinho, no nascer, no aparecer, no brotar da fé e da Igreja Cristã no mundo, olha para aquele momento como sendo um momento radicalmente escatológico; ou seja, tem a ver com os

últimos dias. Já faz dois mil anos que ele disse isto.

Aprende-se que os últimos dias não são apenas *os últimos dias*. Aprende-se que os últimos dias são uma maneira de compreender o Universo e a História humana e que, de alguma forma, todos os dias são os últimos dias desde que Jesus ressuscitou dentre os mortos, isto é: nós estamos vivendo nos últimos dias porque os dias da morte estão contados. Desde que aquela tumba ficou vazia e Jesus ressuscitou dentre os mortos, o Universo inteiro entrou numa contagem regressiva que vai terminar com a consumação de todas as coisas, no mundo visível e invisível. O apóstolo Pedro, compreendendo o início dessa contagem regressiva que só Deus sabe quando ela vai acabar, diz que o que nós estamos vendo aqui é o que fora profetizado por Joel - nos últimos dias haveria um derramar incontrolável do Espírito Santo "*sobre toda a carne*". Assim, algo acontece sobre homens e mulheres, jovens e velhos, sobre escravos e livres, sobre ricos e pobres. Trata-se de um fenômeno que não obedece distinções econômicas, sociais, raciais, sexuais ou etárias. Um derramar que cruza fronteiras de todo tipo. É um embrenhar do Espírito Santo em todos os segmentos da sociedade. Sempre que isto acontece, vemos velhos sonhando, jovens tendo visões, empregados e empregadas, *bóias-frias*, descamisados, escravos (sejam eles quem forem), despojados da vida abrindo a boca e fazendo profecias espirituais. Sim, vê-se algo extraordinário de Deus se derramando sobre toda a sociedade humana.

Pedro prossegue usando o texto de Joel e faz

uma descrição caótica do Universo, das circunstâncias, do ambiente, enquanto ocorre esse derramar do Espírito. Ele diz: o céu vai apresentar seus sinais porque o sol vai ficar escuro; a lua estará como sangue; na Terra se verá desordem, porque ver-se-á sangue, fogo, vapor de fumo. Há um caos. Mas, no meio dessa desestruturação radical, há um derramar de salvação, "*pois todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*".

Não tenho dúvida de que cada um desses sinais aqui pode até um dia ter a sua consumação, a sua expressão literal, mas para Pedro parece que, nos dias dele, o texto inteiro já tinha se cumprido sem que o sol literalmente tivesse escurecido; sem que a lua literalmente tivesse se transformado em sangue; sem que alguma coisa absolutamente cataclísmica tivesse acontecido em volta, e abalado o planeta. Ele já via o cumprimento total daquela profecia e entendia que o que de fato estava sendo dito ali é que, no tempo do grande *derramar do Espírito*, haveria uma subversão radical da ordem das coisas. Aquilo que devia dar luz está gerando trevas; o que devia propiciar sossego à noite está pintado de sangue, de violência; a Terra, ao invés de dar frutos, gera fumaça, desordem. E assim descreve-se a perversão de valores e de finalidades do mundo em volta, mas, apesar disso, o Espírito estaria se derramando.

Agora, o que isto tem a ver com o outro texto apresentado? O outro texto é II Timóteo 3 que inicia também fazendo uma advertência sobre os "últimos dias". Daí, vem o apóstolo Paulo e diz: Saibam disto,

nos últimos dias vai haver uma perversão da natureza humana, os homens vão ser implacáveis... E prossegue descrevendo aquela cena catastrófica. O interessante é que o texto de II Timóteo não é um texto secular, não faz uma descrição da sociedade *do lado de fora*, não está descrevendo como é que a humanidade estaria, porque é daquele jeito que a humanidade tem estado desde sempre, motivando o dilúvio.

O que chama a atenção naquele texto é o fato de a descrição eclesiástica estar falando de obreiros, de líderes, de gente de dentro da fé, da Igreja e, de repente, diz que nos últimos dias vai haver a perversão interna. Pessoas que deviam ser generosas se tornarão implacáveis; gente que devia ser cheia de afeição estará se tornando desafeiçoada; gente que deveria ser absolutamente aberta para dar se tornaria avarenta; gente que deveria estar mostrando virtudes estaria mostrando radicais desvirtudes.

O que isso tem a ver conosco? Olhando em volta vê-se que na Igreja do Brasil, hoje, esses dois textos estão cada vez mais caracterizados. Constata-se um derramar extraordinário do Espírito Santo, com gente sendo salva para todo lado.

Certa vez, na Austrália, algumas pessoas me perguntaram:

"Como é viver no meio de um avivamento?"

Respondi: "É viver sem saber exatamente que

aquilo que está acontecendo é avivamento. Quando a gente lê nos livros, a gente pensa que avivamentos são marcados por dias diferentes, onde os curiós e os rouxinóis cantam diferente, onde a brisa sopra melodicamente".

"Mas não muda nada?", estranharam.

É comum pensar-se que durante avivamentos espirituais as pessoas vão andando na rua e começam a ouvir vozes de anjos em todas as esquinas. Não tenho dúvida de que o que nós estamos vendo acontecer no Brasil, hoje, é um dos avivamentos mais incríveis já experimentados na história da fé. Agora, veja o que você descobre no meio de um avivamento: por um lado, o povo não sabe o que está acontecendo, e dou até graças a Deus que o povo não saiba porque, no dia em que souber, pode ser que isso tudo se perca. Quando vejo o povo sofrendo: "Senhor nós somos uns desgraçados! Manda o avivamento!" Eu digo: eles não sabem o que os irmãozinhos em muitos países do mundo estão passando hoje, batalhando, pregando anos a fio sem ver uma única pessoa se converter e, aqui, conversão está acontecendo a rodo, para todo lado.

Por outro lado, eu presencio as maiores esquisitices acontecendo no meio desse povo avivado. Se, de uma certa maneira, vê-se um derramar extraordinário do Espírito, com gente se convertendo, vê-se também esse fluxo sendo usado por pessoas que acham que isso acontece para o seu benefício pessoal. De maneira que esse momento estranho de

intensidade do Espírito Santo se derramando tem sempre essas duas manifestações: são velhos sonhando, jovens tendo visões, pobres profetizando, homens e mulheres sendo salvos, conforme dito por Joel. Mas também se vê gente torta, pervertida no meio do processo todo, como está em II Timóteo 3.

O que acho absolutamente extraordinário é ver aquilo que o Espírito está fazendo não apenas entre os pobres — que foi onde tudo isso começou —, mas perceber que ele começa a penetrar hoje em camadas da sociedade que antes estavam absolutamente *encrostadas* para o evangelho, fechadas e acirradas.

Durante o último semestre de 1994, minha esposa e eu contemplamos situações absolutamente cheias de perplexidade quando pessoas, que nós não podíamos nem imaginar que se abririam para o evangelho, caíram *de maduras* diante da Palavra. E você vai vendo que há algo no ar. Há uma propensão. Há uma inclinação. Há uma fragilização das pessoas. Há todo um processo de separação interior a fim de que a própria Palavra possa chegar na alma das pessoas com força. Mas nem tudo são flores. Constatam-se também perversões e deformidades. Preocupado com o fato de ser algo que estava acontecendo apenas na nossa situação, comecei a ler algumas das histórias dos avivamentos anteriores e vi que, basicamente, em todos os avivamentos, as mesmas coisas aconteceram. A *bela* e a *fera* são personagens dos avivamentos! Começando no livro de Atos dos apóstolos, vê-se que esse derramar do Espírito está marcado também por juízo. O exemplo

é o de Ananias e Safira que, no meio daquela alegria toda, se perverteram por causa do dinheiro (Atos 5).

Se saímos da Bíblia, acompanharemos o que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos em momentos de grande avivamento. Percebe-se que essa nossa luta no presente é a de sempre. Às vezes, fala-se dos dias de Wesley pensando apenas no gozo extraordinário de imaginar conversões em massa, sem perceber os grandes conflitos institucionais envolvendo a Igreja Anglicana daqueles dias: empedrada de um lado, apodrecida de outro; ministros corrompidos lutando contra o que estava acontecendo; choques internos imensos. Você vê a mesma coisa nos dias de Finney, nos Estados Unidos, onde não há apenas grandes movimentos de conversões, mas há batalhas enormes no pano de fundo do avivamento, pela alma do povo, por imprimir ritmos que podem ser salvadores ou podem ser destrutivos.

Todas as vezes que grandes movimentos do Espírito ocorrem, duas coisas acontecem juntas. Uma: muita gente se entrega e se abre para o Senhor; outra: sempre começa uma luta enorme para ver quem é que manipula o fluxo que este poder humano, massivo, produz.

Avivamentos são, portanto, tempos também perigosíssimos. Grandes movimentos de crescimento da Igreja podem se transformar em grandes movimentos ideológicos de manipulação desse crescimento. É sobre isto que vou estar tentando trabalhar neste livro. Minha intenção é discernir o

que está acontecendo; tentar ver se cada um de nós recebe luz para perceber o que, no nosso próprio lugar, podemos fazer no sentido de enxergar esta obra tremenda do Espírito ganhar um fluxo bonito que venha impactar extraordinariamente este país como um todo.

Rastreando o horizonte

Inicio fazendo um exercício simples de discernimento do quadro atual que nos circunda. Que situação temos, hoje, na Igreja Evangélica do Brasil?

Em primeiro lugar, eu diria que **quem cresce não sabe, e quem sabe não cresce.** O pessoal que está crescendo não sabe muito sobre nada, e o pessoal que acha que sabe muito é o pessoal que não cresce nada. Você já viu este filme em algum lugar? Aí, o pessoal que sabe e não cresce se senta, com os cotovelos doendo tanto que não pode nem dobrar o braço, dor de cotovelo da mais pesada (artrite, reumatóide, *espiritualóide*, *evangelicóide).* Dizem: "Meu Deus, eu sei e não cresço e aquele ali não sabe nada e está explodindo. O que é isso?"

A minha pergunta é: Por que será que quem não sabe cresce, e quem sabe não cresce? O que é que há por trás da ignorância daquele que não o impede de crescer, e o que há por trás da ciência deste, que o impede radicalmente de crescer? São perguntas que nós vamos estar analisando neste livro.

A segunda constatação do momento atual é que **quem efervesce – essa espiritualidade *sonrizáica* que efervesce – geralmente não é profundo, e quem é profundo não efervesce.** Por que, em geral, quem efervesce só efervesce na superfície? Não tem profundidade nenhuma. Você vê a pessoa pregar e se pergunta: "Meu Deus, como é que esse negócio vai para frente?" Você ouve cada absurdo, sem nenhuma profundidade. De outra forma, do que é profundo, de quem se ouve dizer: "Mas que poço de sabedoria!" Não consegue mais que três para ouvi-lo.

O que há de errado? O que há de errado com isto aí? Será que é um "canna"? Ou será que não há nenhum mal inerente nisso, será apenas uma perversão nos meios? O que será que está havendo? A cada dia ouço mais histórias assim, engraçadíssimas, de gente que vai fazendo a coisa andar, aos trancos e barrancos. É como aquele evangelista que pregava sobre o *homem-ostra*. Ele tinha a mesma mensagem sempre. Ele viajava pelo país todo, pregando sobre o *homem-ostra*. Ele lia um texto que dizia: "porque o *homem-ostra*..." e, então, pregava: "Amigos, é aquele que é fechado, ensimesmado, amarrado; o *homem-ostra* está aprisionado, mas Jesus veio para abrir a ostra. Sai *homem-ostra* e vem!!!" E aí chamava e vinha aquela multidão à frente... Pregou o ano inteiro esta mensagem com resultados extraordinários, até que um dia alguém resolveu checar o texto dele, e descobriu que não tinha nada disso escrito. Apenas dizia: "porque o homem austero..." Mas como ele não sabia ler muito bem, ele lia o homem-ostra, e

Deus, estranhamente, abençoava.

A terceira constatação é que, em geral, **quem ministra cura divina, muitas vezes, está doente em outras áreas, mas os que estão sãos em muitas áreas não ministram cura divina.** Ou seja, não raro, você vê o pastor do milagre com a família arrebentada, o casamento destruído. Emocionalmente, ele está todo esfrangalhado. Se um psicanalista botar os olhos nele diz: "Senta no meu divã e fica deitado para sempre aí". Mas, mesmo desequilibrado, ele está lá; sobe, ora, a coisa vai acontecendo...

Contrariamente, você vê aquele outro *inteirão*, bem casado, com a família arrumadinha e filhos maravilhosos! Emocionalmente parece sadio, um sujeito que tem o eixo dele bem no centro. Só não consegue ter ousadia de crer num milagre; não consegue fazer esse fluxo de saúde interior se transformar num projeto ousado que admite a intervenção de Deus, fazendo bem aos outros, não apenas através de um papo longo no divã, mas através de uma intervenção milagrosa do Espírito Santo na vida do outro. E eu fico me perguntando: por que as coisas têm de ser assim? Por que é o emocionalmente doente quem tem que orar por cura divina? E por que o são tem que ficar absolutamente calado, sem ser veículo dessa graça numa outra direção?

Em quarto lugar, **quem é democrático e aberto quase sempre é muito lento, e quem faz as coisas acontecerem geralmente não está aberto a ninguém.** Explicando, por que os líderes

generosos e democráticos são lesmas administrativas, ao passo que aqueles que estão fazendo as coisas acontecerem são sempre os autoritários, tiranos que saem arrebentando tudo que está pela frente? Será que eficácia só é possível associada à tirania ou será que a nossa visão de democracia, de liderança, é que caiu num democracismo paralisante que não leva à coisa alguma? São algumas perguntas que eu gostaria de responder neste livro.

Em quinto lugar, **quem é transparente na administração financeira geralmente não pede dinheiro, e quem pede dinheiro nem sempre o pede e o usa eticamente.** Isto também me escapa ao entendimento: por que só o safado tem dinheiro para usar mal, enquanto gente ética, que tem estruturas sérias de controle financeiro nas suas igrejas, vive à míngua? Será que há alguma coisa intrínseca nisso ou será que existem exacerbações que pervertem os dois projetos, e quais seriam elas?

Os resultados imediatos dessa desarmonia

O primeiro resultado disso é o seguinte: **a Igreja cresce em número de forma assustadora, mas continua, em paradoxo, profundamente superficial.**

Segundo resultado: **a Igreja cresce com poder** (e ninguém pode negar que há poder sendo liberado), **mas está doente nas emoções, na**

mente e na família. Basta ver o que tem de profeta doido, e com a família arrebentada! O que se pode fazer para ficar com esse poder sem perder a saúde? O que se pode fazer para incorporar saúde a toda essa manifestação de poder ou que manifestações desse poder que estão pervertidas e, portanto, prejudicando outras áreas da nossa própria vida? O que se pode fazer para ver essa manifestação de poder se integrar com o projeto holístico de saúde total de cada um de nós?

Terceiro resultado: **a Igreja cresce incontrolavelmente dinâmica na expansão, mas é quase que totalmente desordenada na estratégia.** O Rio de Janeiro, por exemplo, onde devido aos censos feitos pelo ISER (Instituto Superior de Estudo da Religião), essas coisas estão muito mais mapeadas do que em qualquer outro lugar do Brasil, vê-se que há bolsões da cidade que estão tomados pelos evangélicos.

Uma pesquisa paga pela Universidade da Flórida, aplicada pelo ISER, com o apoio da Associação Evangélica Brasileira, mostra que, no Rio de Janeiro, há regiões inteiras da cidade com quase 45% de população evangélica. Entretanto, vê-se, na mesma pesquisa, a existência de bolsões vazios. Um amigo meu, interpretando essa pesquisa, disse: "Parece crescimento de ameba, quando tem uma, tem muitas". Mas é assim porque falta visão estratégica. Falta poder dizer: "onde não tem nada, é onde a gente vai chegar para plantar alguma coisa". Falta a visão de ir ocupando esses vazios, essas

clareiras. O que temos é uma dinâmica extraordinária, mas, do ponto de vista estratégico, profundamente cega em alguns aspectos.

Quarto resultado: **a Igreja alcança os que só querem provar o poder (o pessoal que está lutando contra o encosto), mas fracassa junto àqueles que, além de provar o poder, querem conhecer a verdade.** Porque ela está extremamente bem mobilizada para esses, mas é, apologeticamente, fraca quando se trata de manifestar uma mensagem que seja ungida e, ao mesmo tempo, inteligente.

Quinto e último resultado: **a Igreja arregimenta muitos fundos, mas paga um alto preço moral e ético.** Não há dúvida de que a Igreja Evangélica é um dos segmentos que mais arregimentam fundos. Não dá para ver a quantidade porque esse dinheiro está espalhado em milhões de congregações locais. São milhões e milhões de dólares! Apenas uma suposição: a Igreja Universal do Reino de Deus diz ter cerca de 2 mil templos no mundo; mil apenas no Brasil. Nesses templos há aproximadamente quatro reuniões por dia. Em cada reunião se pede dinheiro enfaticamente, às vezes até mais de uma vez, e estou sendo moderado em minha afirmação. Imagine se, em cada uma dessas reuniões, timidamente, sejam arrecadados $ 100 dólares de oferta, vezes quatro reuniões são $ 400 dólares por dia em cada templo, vezes dois mil são $ 800 mil, que multiplicados pelos 30 dias do mês são $ 24 milhões de dólares. É muito dinheiro! E note que fui conservador na estimativa. É provável que a média

por culto seja bem mais elevada. Ora, a Universal é a que mais pede, mas não é a maior. Mas, proporcionalmente, ela é a maior igreja do Brasil em levantamento de fundos, especialmente porque esse recurso é gerido por uma pessoa que concentra a verba em projetos específicos e estrategicamente definidos. A Universal é a única igreja com uma política de crescimento estrategicamente definida e que implementa seus projetos com velocidade incomparável. Mas o preço moral e ético que eles pagam não tem tamanho! E isso tudo por uma total falta de consideração para com a sociedade secular que jaz no maligno, mas que não pode ser escandalizada. Não julgo aqui o que a Universal faz com o dinheiro que levanta nem seus métodos de levantamento de fundos, mas, sim, o estereótipo e a caricatura de liderança evangélica que eles criaram e que arruinou, por alguns anos, a imagem pública de Igreja no Brasil.

Características das igrejas que crescem

Faço aqui um exercício de constatação. Não estou fazendo propostas, mas apenas tentando definir perfis. Não leia, portanto, o que vem a seguir como sendo minha proposta de crescimento, mas apenas como um exercício de constatação de fatos e realidades.

A primeira característica das igrejas que

crescem é que **quase todas elas têm teologia pentecostal carismática**, ou seja: uma teologia que abre a porta para Deus fazer milagres, trazer revelações, para que orações sejam respondidas, e que têm liberdade litúrgica para o pessoal gritar aleluia e para o leigo interromper o fluxo sacrossanto que jorra do púlpito com um choro santo ou uma oração "fora da hora".

Segunda característica: **são lideradas por líderes fortes, gente que tem visão.** Gente que chega e diz: "Irmãos e irmãs, a visão é esta!" Gente que diz: "é preciso pregar com poder!" Gente que toma decisão e toma logo: "o que é? vamos fazer? então vamos lá!" E já sai na frente.

Terceira característica: **elas têm uma mensagem pragmática e corajosa.** A grande expectativa dessa mensagem é dizer: "Vai acontecer alguma coisa. Vocês estão ouvindo a Palavra? Amém! Esperem alguma coisa, porque se Deus está presente, algo vai acontecer". Isso é extremamente pragmático! Não é só uma questão de amontoar um bocado de sabedoria na cabeça de alguém, mas é de afirmar que pode haver uma intervenção de Deus no ajuntamento do seu povo.

Quarta característica: **são igrejas ágeis.** Não levam oito anos entre a criação de um ponto de pregação na casa de dona Raimunda e a inauguração da igreja por sessenta crentes, dez anos depois, na quarta rua, distante da avenida principal.

Quinta característica: **são igrejas que pedem muito.** Pedir faz parte da espiritualidade da maioria dessas igrejas. O pedido se baseia em três coisas:

• Amor à obra: Se a pessoa tem amor à obra, dá. "Aleluia! Irmãos, vamos fazer a obra. Temos um projeto, e é preciso isto..." Se isso não funciona, tem o apelo número dois:

• A benção: "Irmão, dê que o Senhor vai dar cem vezes mais. É um investimento maravilhoso. Dá um e ganha cem." Quem é que não quer? Mas se esse não der certo, tem mais um apelo:

• A maldição: "Se não der, está lascado".

Nem todos agem assim, mas muitos têm essa prática.

Sexta característica desses grupos: **a comunicação.** São gente que fala muito. São comunidades tagarelas que falam imensamente, de modo simples. Geralmente vê-se esse pessoal falando no rádio, falando na TV, falando na esquina, "falando" no jornal, no boletim... Falam, se comunicam, dizem o que pensam, no que crêem; convidam e abrem a porta.

Sétima característica: **as formas de governo desses grupos são, geralmente, pouco formais.** As decisões são facilitadas. Não têm aquelas instâncias superiores. São "contatos imediatos do 1° grau".

Oitava característica: **há um grande nível de**

mobilização e de organização popular. Ou seja: são comunidades que estão todas preparadas, do ponto de vista comunitário, para organizar coisas e fazer barulho.

Nona característica: **são comunidades espiritualmente agressivas.** Ou seja, elas interpretam o mundo espiritual como um lugar de luta. Não é uma ilha perdida, onde a gente senta para gozar espiritualmente a Deus e seus anjos para sempre. Eles pensam que isso vai acontecer um dia, mas que aqui a luta é renhida, e não é contra "*o sangue e a carne*". Esse pessoal, geralmente, tem suspeição espiritual. Ainda que em alguns casos exagerada e exacerbada, tem sua fundamentação na Bíblia:

> "*Nossa luta não é contra o sangue e a carne...*"
> (Ef 6:12)

Afinal, quem disse isso foi o maior teólogo de todos os tempos: Paulo!

Décima característica: **há uma ênfase no levantamento espontâneo e carismático das lideranças.** Ou seja, liderança não é "feita", liderança "brota". Essa é a crença. Liderança não começa a surgir por eliminação, por perdas de vestibular; não é porque esse menino fez nove exames, não passou para nenhuma faculdade, que a gente manda para o seminário, pedindo a Deus que, pelo menos nisso, ele dê certo e volte para viver sua santa mediocridade no nosso meio, até envelhecer e se aposentar. Não, não

é assim!

Décima-primeira característica: **de um modo geral, a arquitetura de seus lugares de culto é secular.** Nem sempre têm sino com badalo, com torre. Têm cara de supermercado, de armazém, de shopping, de casa; têm caras seculares (menos cara de coisa religiosa). Ainda, esse pessoal não está fundando igreja, eles estão abrindo filiais que mantêm alguma relação com as suas mães. Isto garante uma certa continuidade de visão para dentro desse trabalho, uma determinada homogeneidade, uniformidade de filosofia escorrendo para dentro.

Ora, isto é uma constatação. Não estou aqui dizendo o que é certo ou o que é errado. Estou apenas enxergando um quadro.

Características das igrejas que não crescem

Um outro quadro que eu também enxergo é o das igrejas que não crescem.

A primeira característica é que **essas igrejas têm uma ênfase na doutrina enquanto construção teológica, mas com pouca aplicabilidade prática.** Ou seja, uma doutrina que a gente acaba de ouvir e diz: "E daí?" Exemplo: alguém diz: "não sei se anjo tem asa", outro diz: "não, os anjos são ministros de Deus, eles apenas levam

mensagens". Aí, vem um terceiro e diz: "os anjos podem aparecer, se materializar". Há ainda quem afirme: "talvez anjo seja um produto da cosmologia grega que influenciou profundamente o pensamento judaico no tempo da helenização de Israel." Mas se a dona Maria sai dali, e o carro dela *dá o prego* no meio da Avenida Brasil, ela quer um anjo que "*se acampa ao redor daqueles que temem ao Senhor, e os livra*". Isso não foi dito a ela; só pintaram o quadro celestial, mas não disseram que esses seres chegam aqui também.

São doutrinas maravilhosas. Por exemplo, faz-se uma linda sistematização sobre a soberania de Deus. Construção maravilhosa. Mas não dizem o que isso tem a ver com a sua possível falência, ou com a doença da sua mãe, ou o que isso tem a ver com o seu momento de perplexidade; o que isso tem a ver com a possibilidade de conversão do seu pai, absolutamente petrificado, ou o que isso tem a ver com a oração respondida, ou com aquela que foi adiada. Ou então, se prega sobre a predestinação: "você estava escrito na agenda de Deus antes de haver agenda no Universo; ele já conhecia o seu telefone, seu cheiro, sua fronha, tudo". E daí? O que isso tem a ver comigo? Com a minha auto-estima? Comigo como pessoa? O que isso tem a ver com o projeto da minha vida? Serei apenas uma grande construção que não tem desembocadura para nada, no viaduto que às vezes não leva a lugar nenhum?

Não basta filosofar, pois as pessoas ficam perdidas, querendo chão para pisar. Portanto, eu estou

falando é desse nível de doutrina que a gente observa que existe, mas sem muita aplicabilidade prática.

A segunda característica é a **ênfase no poder que há totalmente concentrado na instituição.** Ou seja, quem tem carisma é a instituição, não são as pessoas. O que é importante não é você ser um ungido, o importante é saber se a sua instituição é de Deus. Então, a ênfase está na grande bandeira e no emblema. Nesse caso, a maior manifestação da graça de Deus é a sobrevivência da instituição. Pensa-se: deve ser de Deus porque já existe há trezentos anos. Assim, está garantida a sobrevivência da tradição. A unção está na instituição.

A terceira característica é que **não se dá ênfase a líderes fortes.** Talvez justamente porque o líder precisa ser uma pessoa absolutamente cultuadora da instituição, ele acaba, por formação ou por natureza, se tornando uma pessoa razoavelmente fraca, para caber dentro dessa pirâmide onde todos olham e cultuam o pico de tudo, que é o culto logotípico da instituição. Ora, dificilmente líderes carismáticos vivem para servir a um emblema. Para servir bem à instituição, esse indivíduo precisa ser um servo dela. As visões dele não importam muito porque elas devem estar absolutamente submissas à orientação da instituição. Assim, a liderança de tal pessoa é reduzida às fronteiras pré-estabelecidas pelo *script* institucional.

A quarta característica é que, em geral, tanto esses líderes quanto suas igrejas **são profundamente**

escrupulosos no que diz respeito às finanças. Só que, muitas vezes, trata-se daquele tipo de postura que talvez tenha ido para o outro extremo do pêndulo. Tentando se diferenciar radicalmente desses que não têm escrúpulo nenhum e que geram escândalo, alguns foram para o outro extremo. Quase pedem desculpas pelo recolhimento dos dízimos da comunidade. Para muitos desses, dinheiro é uma palavra suja que a gente lava a boca antes e depois de falar, com constrangimento radical ao se tocar no assunto. Raramente vejo equilíbrio nesta área. Esse é um assunto seriíssimo que precisa encontrar um equilíbrio urgentemente.

A quinta característica é **uma forte ênfase na comunidade, mas geralmente é uma ênfase que não está apenas na vida comunitária.** É uma afirmação que encontra satisfação em relação ao templo cheio. Ou seja, a visão desse líder é a seguinte: "Deus está nos abençoando porque o nosso templo está cheio". Quando ele consegue ver assim, pode-se dizer que ele já tem uma visão maravilhosa, porque alguns ficam satisfeitos antes. Ficam satisfeitos inclusive porque o templo está vazio e entendem que isto acontece porque a doutrina deles é boa demais para ser entendida por esse *povão* ignorante.

A sexta característica é que, **geralmente, não são "carismáticos" na sua concepção de intervenção de Deus na História.** São pessoas que, teologicamente falando, estão abertas para isso, porque têm Deus como alguém que é livre para intervir, mas, na prática, não estão abertas para esta

possibilidade no dia-a-dia. Assim, são teologicamente tristes, mas deístas na prática. Teoricamente crê-se em intervenções de Deus, mas no cotidiano essa possibilidade é relegada a um plano absolutamente inferior.

A sétima característica é que **são extremamente lentos na execução.** Isto porque existe essa coisa chamada **ata**, que não desata nunca, mas que dá a sensação de realização. Se estiver na ata está feito. Se estiver na ata virou Atos.

Costumo encontrar irmão a quem peço uma determinada resposta, e ele responde: "Ah! Está até lavrado em ata". Fala como se tivesse sido colocado nas mãos de um executivo para ser feito. Quando ele diz que lavrou em ata, eu me apavoro. Penso: "Então, acabou!" Muitas dessas igrejas reúnem-se para tomar decisões em intervalos muito irregulares, e uma questão decidida num mês só vai ser iniciada quando a ata for relida. Quase sempre a leitura de atas é um festival de memória ineficaz, servindo apenas para mostrar como se transforma tão pouco o "decidido" no "feito". Há nobres exceções, mas a cultura é quase sempre essa: lenta e ineficaz na realização.

A oitava característica é que **comunicam-se pouco.** São pessoas que sabem o que e como dizer, mas comunicam muito pouco. Ficam chocados com aqueles que não sabem como dizer, e se comunicam muito. Costumo encontrar pessoas que vibram de alegria com o boletim da Igreja. Sobre esse veículo extraordinário de comunicação, dizem: "Além dos

quinhentos e sessenta e seis da comunidade, nós estamos mandando também para trezentos e oitenta outros pastores que sabem o que nós estamos fazendo". Essa é a idéia de comunicação. Além disso, são poucos os que usam veículos externos e amplos de comunicação.

A nona característica é que **as estruturas de governo são extremamente formais.** Parece que se está lidando com o Congresso Nacional: deve ou não ser feita a reforma na Constituição? Sai recurso e entra recurso... Essa palavra recurso já me causa calafrio! É costume fazer-se do recurso o *anti*-recurso. É recurso para não se fazer. Quando alguém entra com um recurso, já sei que é para parar um processo. Tais procedimentos são tão formais que acabam existindo em si e por si mesmos. A estrutura vira um fim em si mesma, e seguir o regulamento se torna o *projeto* do encontro. Sai-se de tais convenções ou concílios com a satisfação de que a *coisa fluiu* muito bem, mas sem saber se *fluiu para algum lugar*, além do registro em ata.

A décima característica é que **a linguagem é bastante sagrada.** É linguagem religiosa, diferenciada da linguagem da rua. É uma linguagem que não tem praticamente nada a ver com o modo como as pessoas falam na esquina. Às vezes, o que me choca é o fato de que algumas dessas pessoas falam de maneira normal, mas quando estão atrás do púlpito, mudam radicalmente. Não sei por que acontece, e este fenômeno deve ser analisado. Trata-se do poder *ventricular* do púlpito; atrás dele, o

ministro incorpora outra articulação de comunicação. Normalmente, ele ri, gargalha, até que chega ao púlpito; aí, já não gargalha, vira uma maquininha de *vocificar* essas expressões da religiosidade divorciada da vida real.

A décima-primeira característica é **a ênfase radical na preparação acadêmica do líder.** Para esses grupos, o grande líder é, quase que necessariamente, aquele que já fez muitos cursos. Eu mesmo tenho amigos que estão fazendo cursos há muito tempo. Para alguns deles, no dia que pararem de estudar já é hora de se aposentar! Eu acho que é necessário estudar, crescer a mente, se ilustrar, se atualizar, refletir, aprofundar nas coisas. O que estou criticando aqui é o fato de que as pessoas passam a ser julgadas, nesses grupos, pelo amontoado de canudos que amealharam. Quantas são as vezes em que um desses campeões dos canudos se pergunta: "Para que esta canudagem todinha? É para pregar deste jeito, meu Deus?"

Ora, nesta introdução ao nosso livro, minha intenção foi deliberadamente ser provocativo. Sei que uma introdução como esta poderia ser também política e existencialmente entendida como sendo uma declaração do seguinte tipo: "Porque eu não tenho medo de ser deixado sozinho". Eu não tenho dúvida de que o que aqui digo ecoa de maneira diferente em contextos distintos. Em geral, não agrada inteiramente a ninguém. Provoca os carismáticos e os tradicionais. Perturba aos que crescem e questiona os que não crescem. Mas, ainda assim, todos continuam a

comprar os livros a fim de darem a si mesmos uma outra dose diária de dieta de provocação.

Na seqüência deste livro estaremos discutindo alguns outros temas em conexão direta e indireta com os questionamentos e constatações feitos até aqui.



CARISMA PARA ÉTICOS E CARÁTER PARA CARISMÁTICOS

Para abordar o assunto deste capítulo, gostaria de iniciar com o texto de Mateus 22:29:

"Respondeu-lhes Jesus: Errais não conhecendo as escrituras e o poder de Deus".

Neste texto, Jesus nos coloca diante de um grupo que tem problemas para crer em determinadas intervenções de Deus na História. Por exemplo, eles não acreditavam em ressurreição, na existência de anjos, nem em manifestações milagrosas. Eles tinham uma fé deísta. Ou seja, criam num Deus que organizou o Universo e ficou fora dele e que, no máximo, nos dá referências éticas e morais para conduta e comportamento, mas que não intervém na história individual. Era assim que os saduceus criam. Além disto, eles faziam análise da Escritura de maneira muito pobre. De um lado, havia ausência de carisma, de fé e do sobrenatural: um mundo sem anjos, sem milagres e sem ressurreição. Do outro lado, uma grande pobreza escriturística, uma incapacidade de estudar

a palavra de Deus com profundidade e com largueza.

A Igreja Evangélica no Brasil, hoje, não se encontra exatamente na mesma situação dos saduceus, mas há entre nós alguns grupos que, separadamente, trazem a experiência dos saduceus para o centro das nossas reflexões. Entre nós há, basicamente, as seguintes posturas frente à denúncia de Jesus feita aos saduceus: os que não acreditam em manifestações sobrenaturais na História, mas conhecem razoavelmente as Escrituras e têm boa ética social, e o grupo que crê na intervenção profunda e cotidiana de Deus na vida humana, mas que conhece muito pouco as Escrituras.

Assim, o dilema continua: os que estão cheios de carisma sabem muito pouco da Palavra e os que conhecem mais da Palavra estão secos de carisma. Isto se revela na nossa percepção da Igreja da seguinte maneira: é nítido observar que manifestações extremamente carismáticas nem sempre têm a mesma força na dimensão ética, e manifestações éticas nem sempre vêm acompanhadas por aquela santa *melação* carismática. Esta é a situação que observamos no Brasil nos dias de hoje: o desencontro entre carisma e caráter. Muito freqüentemente, as pessoas cheias de caráter e de boa conduta não são aquelas que oferecem a sua própria vida como canais de vazamento da graça que cura, que liberta, que agride positivamente o mundo espiritual, que manifesta e visibiliza as ações extraordinárias de Deus. Essas pessoas que encarnam as manifestações de carisma, ministerialmente falando. Ora, isto me faz perguntar:

de onde vem tal desencontro que podemos observar todos os dias diante de nós?

De onde vem tal esquizofrenia entre carisma e caráter?

Citarei algumas histórias para ilustrar o tipo de mentalidade que começa a se instalar em nosso meio, iniciando por alguns episódios que nos revelam o fato de que as pessoas cada vez mais aceitam que carisma possa se manifestar sem caráter.

Em agosto de 1994, a Associação Evangélica Brasileira - AEVB promoveu o Diálogo Evangélico com os candidatos à Presidência da República. Naquele evento, um participante ouviu dois empresários conversando no auditório. De repente, quando um líder de determinada denominação veio ao microfone para dirigir sua pergunta a um candidato à Presidência, como dezenas de líderes fizeram naqueles dias, o tal participante flagrou um dos dois empresários comentando: "Aquele homem não presta, mas é um líder extraordinário". A pessoa ouviu tal comentário e não entendeu nada. Como um líder que não presta pode ser extraordinário? Foi então procurar coerência para tal afirmativa, chegando à conclusão de que por "não presta" o indivíduo queria dizer que aquele líder era moralmente fraco, com falhas de caráter e com atitudes nos negócios que levavam outros a pensar que foram passados para trás. Um líder de palavra dúbia, sobre quem pairam suspeições em relação a suas ações e compromissos, daí o "não

presta". Todavia, "um grande líder". Por "um grande líder" a pessoa entendeu também que significava que tal homem era um grande animador de auditório, uma espécie de *Gugu evangélico*, um *Faustão de igreja* (mencionando estes dois apresentadores não os estamos julgando. Ao contrário, estamos dizendo que eles são muito bons no que fazem. Apenas não achamos que imitá-los num culto seja exatamente a função de um líder espiritual.). Um grande animador de culto. Nesse sentido é, sem dúvida, um grande líder. O interessante é que os dois empresários conversando pareciam admitir naturalmente esta dicotomia: "ele é safado, mas afinal de contas é um bom líder", justificando a sem-vergonhice com a competência e a personalidade carismática que impressiona as multidões.

Já ouvi também de uma pessoa a respeito de um outro líder evangélico o seguinte: "Fulano de tal tem vários processos contra ele, já enganou muita gente nos negócios, até ameaçou pessoas de morte, é um estelionatário, é um *171*, mas a gente não deve levá-lo a sério, porque ele é doido". E eu, ouvindo aquilo tudo, sentia-me como numa côrte de justiça americana, onde várias vezes se alega a inocência do réu por "insanidade temporária", ou seja: ele rouba, destrói, esfola vivo, mas nós devemos justificá-lo porque enquanto ele estava fazendo aquilo, estava fora de si.

Espanta-me que as pessoas começam a assimilar isto com naturalidade. Quer dizer que a sem-vergonhice de alguém pode ser justificada pelo carisma

que ele apresenta quando lidera, e as ações hediondas de outro são justificadas porque ele *é meio doido.*

Há ainda aqueles que dizem de um líder: "ele é um tirano, pior do que Hitler, mas a gente tem que relevar, pois a tirania dele é apaixonada". A isto eu chamo de pessoas que têm carisma, mas não têm caráter. E esse tipo de liderança está crescendo no meio evangélico.

Há ainda o outro extremo relacionado àqueles que têm caráter e ética, mas não têm carisma. Sobre estes, ouvimos os seguintes comentários: "Fulano é um poço de cultura, é ciência pura, encarnada. É uma pessoa de ações completamente retocadas com categorias éticas maravilhosas, mas o problema é que todas as igrejas que ele pastoreou quebraram. Os filhos dele freqüentam uma outra igreja na mesma cidade, mas a quilômetros de distância; quando a mulher dele está sem sono ela diz: 'Bem, prega um daqueles seus sermões para mim'. Ele mesmo, quando tem crise de insônia, fica recapitulando os esboços de seus próprios sermões e dorme imediatamente. Os membros do concílio da denominação dele acabam chegando à conclusão de que ele não serve para o ministério; então, é melhor se tornar um professor do seminário". Você já viu esse filme antes?

Diante disso tudo a pergunta é: de onde vem tal desencontro?

A falta de carisma entre os evangélicos éticos

Nesta intenção de rastrear alguns dos possíveis fenômenos, por trás da falta de espaço para o sobrenatural na teologia de grande parte dos evangélicos éticos, devemos, antes de qualquer coisa, dizer que boa parte desses estão entre os protestantes históricos. Daí, muitas coisas que serão listadas a seguir terem direta relação com os fundamentos históricos dos países de onde procederam as nossas versões de protestantismo.

O iluminismo europeu

Em primeiro lugar, eu diria que **tal desencontro é remanescente do iluminismo europeu que transformou a razão em deusa.** Quer dizer, tudo aquilo que não puder ser racionalmente explicado não merece a minha consideração, e como o sobrenatural não cabe neste critério da racionalidade pura, ele fica fora da vida.

O positivismo americano

Em segundo lugar, podemos dizer que **este desencontro do caráter com carisma e sobrenaturalidade é fruto do positivismo americano.** O positivismo, como filosofia, exacerba a capacidade humana, afirmando-a como ilimitada.

Ou seja, não se depende tanto de Deus para a vida, mas sim, de si mesmo. O homem pode, a estratégia pode, a competência pode, o conhecimento pode, o discurso pode, a organização homilética de um sermão é suficiente, o raciocínio é suficiente a fim de entender a revelação, e a arte de se comunicar prescinde do poder do Espírito na pregação. O homem é o centro, ele pode tudo.

Podemos ilustrar este positivismo americano pelo relato de um acontecimento havido nos Estados Unidos por ocasião do lançamento do ônibus espacial "Challenger", que veio a explodir no ar. O capelão convidado pela NASA, para encomendar a viagem, pregou e depois sugeriu: "Agora vamos orar para que Deus permita que esta nave espacial possa subir com segurança". Um dos diretores da operação chegou e disse: "Reverendo, peça oração apenas pelos que ficam para que fiquem tranqüilos, sem medo de nada, mas em relação à nave espacial não se preocupe com nada, nem precisa pedir nada a Deus, pois a NASA já cuidou de tudo". O que aconteceu em seguida aterrorizou a todos os presentes e a milhões de pessoas que acompanhavam pela televisão: a nave explodiu deixando uma imagem de pavor e tristeza.

A filosofia do universo fechado

Em terceiro lugar, podemos sustentar que o **caráter sem carisma e sem sobrenaturalidade é também a expressão religiosa de um universo fechado**, conforme concebido pela modernidade do

início deste século. Ou seja, uma das razões por trás dessa religião ética, mas sem carisma, é a concepção secular do universo que tomou conta da teologia da igreja protestante histórica. Esta é uma concepção que imagina o universo fechado, resultado da maneira como a modernidade compreendeu os sistemas físicos que governam o Cosmos. Tudo que existe, existe dentro deste sistema e tudo que não puder ser detectado, apalpado, provado dentro do sistema, conseqüentemente, não existe. Sendo assim, realidades tais como anjos, demônios, milagres e prodígios da fé, que não podem ser colocados num laboratório para serem estudados, explicados ou previstos pela ciência moderna, devem ficar de fora; não existem para a ciência, não existem para o sistema. Logo, não existem para a vida dos seres civilizados e educados conforme os melhores padrões da velha modernidade.

A falta do caráter dos evangélicos carismáticos

Aqui, de saída, é bom que se faça uma ressalva: não estou dizendo que os carismáticos não têm caráter. O que estou dizendo é que a *teologia carismática atual* não enfatiza o caráter e, por conseguinte, cria espaço para o surgimento de uma mentalidade que aceita a existência de um sem o outro. Portanto, minha intenção aqui é mostrar de onde vêm tais *pré-compreensões.*

O carismático americano

Da mesma maneira que o primeiro grupo, cujas tendências foram abordadas no tópico anterior, afirma uma teologia reformada histórica, este segundo grupo apresenta, em geral, uma teologia carismática americana que é filha de uma visão subjetivista da espiritualidade. Ou seja, **a espiritualidade não é medida pelos conceitos ou princípios, mas, sim, em função de sensações de bem-estar.** Esta espiritualidade está mais preocupada em se sentir bem do que em fazer certo. Este subjetivismo anula o peso e a importância da reflexão ética, pois esta última tem a ver com o fazer certo, e o subjetivismo tem a ver com o se sentir bem. Sendo assim, "se você está se sentindo bem e está feliz, vá adiante, pois o Senhor está com você".

O existencialismo do universo ético

Outro aspecto do **carisma sem caráter é derivado de uma visão existencialista do universo ético.** Por que estou chamando de visão existencialista? Porque este existencialismo, tanto o religioso de Kierkegaard , como a sua manifestação e versão secular que teve em Jean Paul Sartre sua expressividade maior, afirma o fato de que o que realmente importa são as autenticações do sentir do coração. Então, podemos dizer que a teologia carismática, sem querer e sem perceber, acabou se

transformando em existencialista. O que objetivamente existe não desperta muito interesse, ao passo que as sensações experimentadas ganham peso de importância, determinando comportamentos e posturas. Neste sentido, existe a possibilidade de Deus falar até contra si mesmo, quando, por exemplo, no caso de ele "falar" através de uma "visão", ainda que esta esteja encorajando atitudes contrárias à Palavra.

Não raro, encontro alguém que me diz que meu problema é que eu sou "demasiadamente bíblico". Explica que teve uma visão segundo a qual o marido dela não é o marido espiritual. O marido espiritual dela é outro. "Por isto, eu e o fulano vamos nos casar. E não venha me dizer que a Bíblia é contra isso. Afinal, foi Deus quem me deu a revelação, através da visão". Quando eu confronto a visão com a Palavra mostrando que a Bíblia não está de acordo com o que a visão sugere, vem a sugestão: "Por que você não deixa a Palavra um pouquinho de lado e acredita na minha visão?" Então eu respondo que eu acredito numa espiritualidade objetiva onde a Palavra é a referência das referências para julgar as nossas múltiplas subjetividades. "**Não é a tua subjetividade que julga a Palavra, é a Palavra que julga a tua subjetividade**". Mas sinto que nem assim consegui convencer.

A única objetividade que essa pessoa conhece é a subjetividade dos seus sentimentos. Afinal, sem saber, ela se tornou discípula de Jean Paul Sartre.

O místico como referência para o moral

Em quarto lugar, **esta falta de ética na teologia carismática também pode ser o resultado da expressão e da exacerbação do universo místico como referência da vida moral.** O que estou querendo dizer é que, **nessa espiritualidade, o que autentica a *Ética* não é o *Princípio* moral.** Ao contrário, o que justifica o comportamento é o milagre.

Almoçava, certa vez, com dois amigos muito amados, todos dois bem mais carismáticos do que eu (eu sou um carismático que vê a vida com categorias reformadas). Durante a conversa, um deles me contou que um determinado líder *soltou a franga*, como dizem por aí. Começou a fazer loucuras para todos os lados, como dar cheque sem fundo, mentiras, trapaças, estelionato, etc. Depois do relato, um deles falou que não conseguia entender como, apesar de tudo, a pessoa em questão orava e doentes eram curados; expulsava demônios e os possessos eram libertos; profetizava e as profecias aconteciam.

Era difícil para o meu amigo crer que Deus pudesse ter algo contra aquele líder, pois, se todo este poder acontecia através dele, Deus não só o estava autenticando, como a seu ministério, apesar de tudo. Perguntei-lhe, então, se ele nunca ouvira falar de coisas parecidas antes? Lembrei-lhe que certa vez, alguém disse:

"Nem todo que me diz Senhor, Senhor entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: Nunca os conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniqüidade". (Mt 7:21-23)

É o milagre que autentica a vida ou é a vida que autentica o milagre?

Do ponto de vista de Jesus, pode haver milagre sem vida. Para ele, a grande afirmação de vida é o caráter, é fazer a vontade do Pai em contraposição à prática da iniqüidade.

Perguntou-me ainda o meu amigo: "Por que, então, os milagres acontecem?" Expliquei que as pessoas não têm nada a ver com isto. O nome que está sendo pregado é o Nome que está acima de todo nome. É porque a "dona" Maria, o "seu" João, a mãe do Marcelinho, o "seu" Antônio não têm nada a ver com isto e crêem neste nome, o nome de Jesus, que o milagre acontece.

Já imaginaram se Deus parasse de operar no mundo por causa dos sem-vergonha que aparecem no meio do caminho? Afinal de contas eu não creio numa teologia sacerdotal como a católica. Meu sumo pontífice é Jesus. Qualquer que se aproxime dele com fé recebe graça, ainda que seja um torto. Ainda que

para isso Jesus tenha que dizer um dia: eu nunca te vi nem mais gordo nem mais magro, mas eu conheço a "dona" Maria.

Concordando, o meu amigo considerou que no nosso meio carismático, às vezes, a gente não pensa nisto. Concluí que é bom começar a pensar logo, pois Jesus disse que no final da história vai haver muita gente nessa condição. Gente que teve seu nome nos *outdoors* de grandes cruzadas de cura; gente operando e vendendo milagre na TV e no rádio; gente ficando rica com a religião; gente sob os *spotlights* dos shows da fé, mas que vivia vida dupla, pecaminosa e iníqua. Essas pessoas existem e em grande quantidade. Se não existissem, Jesus não teria sido tão explícito a seu respeito.

Acho que essa conversa com meu amigo ilustra perfeitamente o que estou tentando dizer.

Como essas deformações se manifestam

Inicialmente, devo dizer que analisaremos a manifestação dessas rachaduras e inconciliabilidades no contexto do grupo bom de ética, mas ruim de carisma e de milagre.

Os secos frutos de uma ética sem carisma

Talvez as esposas e filhos dos líderes bons de caráter e fracos no carisma poderiam estar escrevendo esta parte do livro com mais propriedade do que eu. Estamos tratando basicamente dos que amam seus esposos ou seus pais, pastores, mas que não conseguem freqüentar as igrejas pastoreadas por eles. Eles são gente boa, e, ao mesmo tempo, quente chata e cansativa. Gente reta e justa, mas sem graça e sem charme. Gente certa, mas sem encantamento.

Vejamos algumas das manifestações desse divórcio entre caráter e carisma.

Aridez na produção doutrinária

A primeira manifestação é uma insuportável aridez na produção doutrinária. É um doutrinarismo chato que não tem óleo e nem graça. São doutrinas doutas, mas que não dizem nada ao coração. Existem certas discussões que retratam bem este fato, como as daqueles que passam horas discutindo se anjo casa, se vamos conhecer os parentes na nova Jerusalém, se eu vou me lembrar do meu aniversário ou não. Resumindo: são polêmicas que não levam a nada e que só trazem algum benefício se não se tem absolutamente mais nada para se fazer. Se estivéssemos, por exemplo, numa ilha do Pacífico

totalmente isolada ou presos em Bangu I, talvez essas fossem boas questões para nos ajudar a passar o tempo...

O liturgismo estruturalista

Outro fruto é a produção de uma liturgia filha do estruturalismo dos conceitos da física, que empresta ao universo uma visão fechada, como já visto no início deste capítulo. É uma liturgia fechada, assim como é fechada a visão filosófica do universo físico, cósmico dessas pessoas. O universo delas não está aberto para aquilo que a razão não prova, por isto, a liturgia delas também não está aberta para invasões positivas. É uma liturgia que se assemelha à visão teológica destas pessoas, onde até Deus para entrar tem que pedir licença, mandar um memorando. A liturgia é restrita, não dá espaço para a criatividade, para um santo gozo diante do Senhor. A liturgia sempre expressa a nossa verdadeira teologia, aquela que às vezes nem é confessada pela nossa boca, mas existe em nosso coração.

A eclesiologia funcional

A outra forma de manifestação é mediante um modelo eclesiológico, sistêmico e funcional. É um sistema que induz a uma visão de igreja que não tem nada a ver com carisma e com dons. Dessa maneira, as pessoas não encontram seu espaço no Corpo de Cristo através de seus dons espirituais, mas, sim, pelas

suas designações meramente funcionais. Ora, esse "funcionalismo" parece muito com a entravada e ineficiente "máquina estatal", onde não faltam funções em total desconexão com os genuínos dons das pessoas. Quando isso acontece na igreja, ela perde seu carisma e vive para justificar seu estruturalismo.

A igreja só é absolutamente contagiante quando ela é a expressão carismática do poder de Deus sobre os homens, e não quando ela é apenas uma má distribuidora de tarefas. As tarefas devem existir, devem ser incentivadas e organizadas, mas devem ser implementadas a partir dos carismas que Deus deu aos homens quando Cristo subiu às alturas, *levando cativo o cativeiro* (Ef 4:8).

O carisma das bandeiras e dos hinos oficiais

Vemos o mesmo fenômeno de *sequidão* dos frutos nas tentativas de *carismatizar* a tradição, a instituição e a verdade. Quando isto acontece, o que vemos é que a falta de unção sobre o indivíduo é "justificada" e tapeada com a presumível unção que se crê existir sobre as bandeiras, as insígnias nos templos antigos, e nos cultos à memória institucional. Neste caso, o que tem poder é a nossa história, é a santa semente que os nossos antepassados plantaram. Aí, ironicamente, nossos antepassados tornam-se, sem desejar, os *anti-passados* contra todo passado. Ficam apenas as bandeiras mágicas, cheias de unção

da história sendo alçadas por indivíduos secos de carisma e que vivem para se satisfazer do passado.

A discrição exagerada

Manifesta-se também mediante a vivência de um pudor tão discreto e de uma discrição tão pudica que chega a ser doentia.

Numa determinada denominação, há algum tempo, um pregador correu o Brasil inteiro para tentar convencer a Igreja a não dar absolutamente nada além do dízimo. Se pensarmos assim, a situação se complica, pois há comunidades onde mesmo o dízimo é dado com dificuldade, infelizmente. O argumento era de uma santidade tão restrita, tão limitada, tão meticulosa na administração de recursos financeiros que rompia completamente com a possibilidade do coração ser extravagante na generosidade.

A rebeldia espiritual como apostasia

Outra causa desse fenômeno de caráter sem carisma é a rebeldia espiritual como apostasia, e não como intercessão. Nos grupos onde a ética sem carisma está presente, toda vez que alguém se rebela é tido como apóstata. Nos grupos de natureza mais carismática, porém, existe a possibilidade de a rebelião se converter em intercessão ou espírito profético.

Podemos exemplificar este último ponto com um fato tão comum em várias comunidades carismáticas. Lá, quando alguém diz "chega!" ao *status quo*, ao invés de deixar a fé, passa a freqüentar a reunião de oração da "profetisa", fazendo isto, "rebeladamente", a fim de "orar" pela instituição empedrada e que não se "renova". Ora, essa prática faz o crente chegar à conclusão de que muitas coisas precisam ser mudadas, precisam ser reformuladas, e, neste caso, a rebelião não é apostasia, mas intercessão subversiva.

Já, nos ambientes onde os carismas não estão presentes, as opções de "rebelião piedosa" não são muitas. Existe o recurso de se unir a uma organização "para-eclesiástica" como expressão do desacordo com a estrutura formal da instituição religiosa. Mas este é um recurso pouco usado. A maioria, quando se rebela, rompe e deixa a fé. E como a "fé" está centrada na instituição, essas pessoas, quase sempre, quando deixam a instituição, também deixam a fé.

Batalha espiritual apenas com o conflito psicológico

Outra limitação gerada pela vivência disso que nós poderíamos chamar de *ética seca*, sem unção, é uma espiritualidade que, no máximo, se atreve a ir ao espírito humano na sua admissão do abstrato como real, mas que raramente consegue perceber a dimensão espiritual como conflito multidimensional

que transcende ao homem e à sua história. Ou seja, o máximo que se alcança na viagem espiritual produzida pela ética seca do protestantismo histórico é a *psicologização* da fé, mediante a admissão da realidade invisível do espírito humano. Além disto, não se vai muito mais longe. Não se vê o mundo espiritual também como lugar de enfrentamento de seres espirituais e como batalha.

No protestantismo histórico, "espírito", muitas vezes, é sinônimo de produção do pensamento humano ou capacidade de produzir abstração; e "batalha espiritual" é apenas sinônimo do choque de pensamentos e filosofias.

Um Deus soberano, mas sem povo

A ética seca, sem carisma, também gera uma terrível incapacidade de associar a soberania de Deus às manifestações populares. Ou seja, esse Deus soberano não pode e não sabe se manifestar através do povo. Ele precisa de "intermediários iluminados e bem preparados" a fim de se fazer ouvir. Ele necessita desses seres inteligentes que o entendem, que o interpretam e que o façam ser compreendido pelo povo. Neste tipo de manifestação evangélica, nem *Vox Populi* pode ser *Vox Dei*, nem *Vox Dei* pode ser *Vox Populi*. Nessa expressão espiritual *Vox Dei* é sempre *Vox Pastoral* ou *Vox Conciliare*. Em outras palavras: tem que haver um concílio para interpretar o que Deus pensa ou um profissional da teologia a

fim de fazer Deus ser ouvido pelo povo. Talvez essa seja a razão pela qual esses grupos sejam tão pouco populares.

O resultado da esquizofrenia mediante carisma e caráter entre alguns evangélicos carismáticos

Após ter analisado os motivos básicos da existência de caráter sem carisma, vamos abordar agora quais as causas de se ter o *evangelicalismo* carismático sem caráter.

Oráculos sem discussão

Em primeiro lugar, estão as profecias que anulam a possibilidade de discussões públicas da verdade moral, mas que abrem as portas às ações maquiavélicas que visam derrubar o *inimigo-irmão*.

Quando se tem uma espiritualidade subjetiva e se está na frente de uma reunião que vai discutir alguma coisa (como se os crentes devem ou podem usar camisas listradas ou lisas), se alguém fecha os olhos e diz: "Assim diz o Senhor: filhinhos não deveis usar camisas listradas, pois lembram prisão, e isto é abominação" – quem vai falar qualquer coisa contra isto? Quem vai ter coragem de questionar a palavra "Assim diz o Senhor"? Se alguém falar alguma coisa será considerado apóstata, um Balaão sem

compromisso com Deus. Entretanto, o que acontece em seguida a um fato como este é que começam as rebeliões do tipo: "já que a gente não consegue discutir a verdade, o jeito é derrubar o profeta".

Talvez você esteja lendo e achando que estou sendo exagerado. Todavia, tenho viajado por todo este Brasil há muitos anos e sei que, infelizmente, os fatos muitas vezes se processam desta maneira. Neste contexto, o discurso ético é esvaziado porque não existe espaço para a discussão da verdade moral, pois a decisão recai sempre sobre uma "revelação", e não sobre o bom senso. Isto cria uma espiritualidade burra que obedece sem saber por que, contra a razão e o bom senso; obedece sem vontade de obedecer, até o dia em que consegue criar uma estrutura de proteção paralela para fazer tudo aquilo que gostaria de fazer.

Muitas vezes a maneira "paralela" é a politicagem eclesiástica. Funciona assim: não se luta contra a "palavra profética", afinal, "Deus falou". Entretanto, conspira-se contra o oponente-profético nas reuniões de negócio nas quais não vale "profetizar" ou nos conchavos de bastidores, onde vale quase tudo. Ora, é em conseqüência disso que surge a sem-vergonhice hipócrita nos bastidores da religião.

O legalismo neurótico

Em segundo lugar, está o surgimento do legalismo exterior que serve apenas como fixador da agenda de tentações e neuroses que enfermam o caráter. Se alguém quiser saber quais são os demônios que perturbam a mente de um líder legalista e os fantasmas que o atormentam deve prestar atenção ao sermão dele, à temática que usa. Por exemplo, se quando ele prega só fala de sexo é porque possivelmente ele está tendo problemas nesta área. Se a mensagem do líder é sempre sobre o mesmo assunto é porque é isto que o atormenta nos seus conflitos pessoais. O legalismo não faz ninguém se tornar mais santo, mas exacerba as neuroses pessoais e abre a porta para que se caia justamente nos pecados que condena. Onde mais se vê a ética cristã ser quebrada é justamente onde mais se vê, também, o legalismo prevalecendo.

A hermenêutica alegorista

Em terceiro lugar, outra causa dessa espiritualidade cheia de carisma, mas fraca de ética, é a hermenêutica alegorista. Essa maneira de ler a Bíblia permite, mesmo quando não é o caso, que qualquer texto da Escritura sirva como base justificadora para qualquer coisa que se deseja dizer.

Geralmente, a visão subjetivista, quando de perfil carismático-americano, faz uma leitura alegorista da Bíblia. Nesse caso, pode-se abrir a

palavra de Deus em qualquer lugar e não ler o que está escrito, mas, sim, fazer uma leitura surrealista do texto. Exemplo: abre-se a Bíblia ao acaso e lê-se: "Ouvi-me terras do mar". Então pensa-se: "Oh! isto quer dizer que eu vou viajar". Então prossegue no texto: "... e vós povos de longe". Raciocina: "É porque é uma viagem para o exterior, para longe". Há também aquela pessoa que perdeu a certidão de nascimento, abre a Bíblia a esmo, e lê: "O Senhor me chamou desde o meu nascimento..." Então conclui: "Ah! minha certidão de nascimento que estava perdida vai aparecer". Se a mesma pessoa está com um problema com um irmão e sofrendo a tentação de cortá-lo com a língua e lê: "fez a minha boca como espada aguda", logo decide: "eu sabia que o Senhor me autorizaria a usar minha língua contra o irmão, minha língua é espada que fere, disse o Senhor".

Ora, esses dois exemplos foram tirados de passagens bíblicas escolhidas aleatoriamente, enquanto eu escrevia estas páginas. Eu tenho visto pessoas fazerem até mesmo uma leitura alegorista dos sermões que prego. Certa ocasião, uma jovem me procurou após um sermão para me agradecer pois, através da minha boca, o Senhor a ajudara a resolver um problema seriíssimo. Disse: "Eu estava na dúvida se deveria deixar meu marido a fim de viver com o meu amante. Mas hoje, quando o senhor dizia: "Sai daí, vai, segue o teu caminho', eu ouvi claramente Deus me dizendo: 'minha filha, não sofra mais, vá ser feliz. Seus filhinhos ficarão bem. Seu marido é um bom pai. Seu amante precisa de seu amor, pois ele é fraco e a ama muito".

Aí está um exemplo extremo do subjetivismo alegorista na leitura da Palavra. As pessoas muitas vezes não estão preocupadas em fazer uma análise do texto levar em consideração o contexto histórico, para quem foi escrito ou por quem foi escrito. Simplesmente fazem a interpretação que mais se adequa à sua vida, a seus desejos interiores, e à perspectiva de soluções dos seus problemas, bem como desculpas "divinas" para os seus atos. É um subjetivismo total e um alegorismo perigoso. É neste sentido que a Bíblia pode ser a mãe de todas as heresias da Terra. Lendo a Bíblia deste jeito você pode ser mórmon, espírita, menino de Deus, umbandista, qualquer coisa. Lida dessa forma, a Bíblia deixa de ser a palavra de Deus e passa a servir até como roteiro de filme ao estilo Glauber Rocha, de um surrealismo absoluto, onde nada que eu entendo, você vai entender do mesmo jeito, e cada um faz a leitura que quer fazer do mesmo texto. Nesse caso, cada fato narrado na palavra de Deus pode significar uma coisa diferente, cada objeto mencionado tem uma simbologia e um poder determinados pela visão que se tem deles, ao ponto de conseguirmos montar uma construção de ficção científico-carismática que encantaria até o Spielberg. O resultado, porém, é trágico: a relativização total da palavra de Deus.

O funcional como regra suprema

Em quarto lugar, está uma causa que tem a ver com a criação de uma espiritualidade quase que totalmente baseada no valor do funcional, quando tudo aquilo que funciona é autojustificável. Não é o fim justificando o meio, é o meio justificando a si mesmo. Independe dele, o meio, ser afirmado na Bíblia como válido.

Um conhecido líder religioso carismático disse-me o seguinte: "Cada um evangeliza do jeito que pode. Se você evangeliza abrindo a Bíblia e pregando, tudo bem, eu não sei fazer assim. É como uma pescaria: uns pescam com camarão, outros com minhoca, outros com pão, e outros até com fezes. Eu pesco com fezes, eu evangelizo com fezes, e existem peixes que gostam disso mesmo, e eu vejo que funciona. Se funciona deve ser bom. Não tenho tempo para pensar se é bom ou não. Se atrai gente está bom. O resto não é problema meu".

Ora, nesta perspectiva, o meio se justifica em si mesmo, porque tem o poder de produzir os resultados que eu quero. Por isso, tanto importa se uso isto ou aquilo que as pessoas querem. Funcionando, tanto faz que sejam fezes. Ora, o resultado disso se percebe pelas frases cada vez mais freqüentes do tipo: "Eu acho que o que se está fazendo não tem base bíblica, se é ético, e teologicamente reprovável. Eu não faria. Mas dou graças a Deus por quem faz. Afinal, está dando certo. A igreja está

crescendo assim mesmo".

Prosperidade sem ética

Em quinto lugar, vem aquela espiritualidade saqueadora que vê o mundo como despojo espiritual a ser apropriado a qualquer preço. Vi, com tristeza, um exemplo claro disto durante o período em que este material foi escrito. Era também um período de eleições no nosso país, quando alguns líderes evangélicos arrancaram tudo o que podiam de candidatos que deles se aproximaram, inclusive espiritualizando o "saque".

Contou-me um amigo que estava num carro com cinco outros líderes evangélicos, saindo de um encontro com um candidato à presidência da República, a quem estavam supostamente apoiando, quando os ouviu dizer: "Deus colocou este ímpio nas nossas mãos para arrancarmos muito dólar para a glória de Deus. Vamos abençoar nossos ministérios e nossos bolsos tirando dele até o tutano. É coisa de Deus. Aleluia!"

É dessa forma que muitos almoços, jantares e reuniões de apoio são preparados por alguns pastores a um determinado custo, mas que se cobra do candidato três vezes mais, dividindo-se a diferença entre os donos do eleitorado.

Não podemos ser ingênuos, nem fingir que isto não acontece. O que ocorre em alguns meios

evangélicos num ano de eleições políticas é hediondo, é abominável. São pessoas inescrupulosas que vivem uma espiritualidade saqueadora, que vêem o mundo material como despojo espiritual a ser apropriado pelo povo de Deus a "qualquer preço".

Quantas são as vezes em que me arrepio ao ouvir a expressão "Sou filho do Rei", pois não são todos os que a usam na sua legitimidade, como o fez o apóstolo Paulo quando disse: *sou cordeiro com Cristo Jesus, se com ele sofrermos para com ele sermos glorificados.*

Na boca de algumas pessoas, esta mesma frase significa que eles crêem que têm o direito de se apossar de tudo, de possuir tudo, não importa o meio. Nesse caso, é uma expressão que pode gerar ganância e atos tão insensatos cujas conseqüências podem ser a falência moral, emocional e espiritual do "saqueador evangélico".

A prosperidade do Ali-Babá

Em sexto lugar, essa espiritualidade manifesta-se também através da noção de que prosperidade não é fruto do trabalho e da obediência, mas apenas o resultado de uma esperteza espiritual que usa magicamente palavras de ordem que movem céus e terras para realizar os desejos desse "irmão" que aprendeu tais palavras mágicas. A ética do negócio assim vai embora. Para ganhar dinheiro não é preciso ser honesto, trabalhar duro, negociar com critérios.

Descobriu-se uma mágica espiritual para fazer até o sem-vergonha ser próspero, desde que ele use as palavras certas; desde que ele aprenda a "decretar", a "declarar" e a dizer "é assim que vai ser". Às vezes, na brincadeira, eu costumo dizer que isto parece a espiritualidade do Ali Babá: bastava dizer, "*abre-te, Sésamo*"; aberta a porta do tesouro, ele entrava com mais "quarenta".

Creio em prosperidade, de todo o coração, creio em prosperidade como o resultado da obediência. Creio que todo aquele que obedece à Palavra é próspero embora, nem sempre, essa prosperidade se manifeste como recurso material. Mas o que me preocupa é que, muitas vezes o que se vê por aí não é prosperidade conforme a Bíblia ensina.

Uma pessoa disse-me, certa vez, que determinado negócio "daria certo" para ele, porque ele assim o estava decretando. O problema é que, conforme fui informado, o tal negócio era ilícito e, apesar disso, ele queria que Deus abençoasse uma desonestidade. Neste contexto a ética desaparece e, em muitos casos, os homens de negócio evangélicos não se tornam, com este comportamento, melhores do que os homens de negócios que não têm o temor de Deus.

Ainda que estas palavras sejam duras, infelizmente devemos reconhecer que estamos tratando de realidades existentes dentro da Igreja Evangélica. Não podemos nos omitir de trazer este assunto à reflexão para que se possa promover

consciência, cura, restauração e genuína prosperidade.

Mania de perseguição

Em sétimo lugar, vemos surgir, como resultado dessa espiritualidade carismática sem caráter, uma atitude que não se abre para a autocrítica, mas que sempre vê a perseguição como ação do diabo e nunca como eventual conseqüência da prática da insensatez e do pecado do povo cristão. Sendo assim, a perseguição nunca traz uma lição ética, porque o que se pensa é que esta perseguição se dá motivada pelo ódio do diabo a nós. Ou seja, nesse contexto, a perseguição nunca é o resultado da nossa conduta ilícita.

De quem é a culpa? Se não tivermos coragem de nos fazer esta pergunta, toda a culpa vai sempre para o diabo que nos odeia e não pode suportar o nosso bom comportamento. Mas muitas vezes somos perseguidos por causa da nossa falta de postura cristã no mundo. É preciso discernir quando a perseguição vem porque somos filhos de Deus na vivência de um evangelho pleno que questiona as posturas corrompidas do mundo ou quando ela acontece porque somos enganadores, mentirosos, soberbos, julgadores, indiferentes, corrompidos, impertinentes, intolerantes. Enfim, totalmente diferentes do ideal de Jesus. Enquanto não tivermos esta abertura autocrítica, a perseguição não poderá ser usada por Deus como instrumento pedagógico a fim de nos ajudar a curar o nosso comportamento ético, pois, *a priori*, nossa

reação é achar que a culpa é do diabo.

O que poderá acontecer à Igreja Evangélica se não reconciliarmos carisma e caráter?

Todos estes assuntos tratados por mim até aqui neste livro são fortes e sua abordagem não proporciona prazer. Todavia, não podemos mais ser meninos e meninas na fé. A igreja de Cristo precisa questionar estas situações para amadurecer espiritualmente, repensando, assim, posturas, a fim de se desenvolver sadia e com reflexos de uma espiritualidade genuinamente cristã.

Precisamos tratar da esquizofrenia espiritual que existe entre os que têm caráter e não têm carisma e os que têm carisma, mas não possuem caráter. Se tal esquizofrenia não for resolvida, a decorrência será caótica.

Maioria evangélica, mas sem revolução do evangelho

Primeiramente, o que pode acontecer é que tomaremos o Brasil numericamente. Entretanto, esse crescimento não será como no avivamento acontecido na América e na Europa, já que nestes lugares a fé evangélica gerou frutos, em que tais avivamentos reuniam carisma e caráter.

Os reformadores viviam a realidade de fundir

estes dois elementos. De Lutero, diz-se que falava em línguas e profetizava, mas era um leão de caráter e de princípios. De Calvino não se diz a mesma coisa em relação aos carismas sobrenaturais, mas sim que orava horas e horas. Além disso, tratava-se de um homem comprometido com a intercessão, com a Palavra, com Deus. A John Wesley atribui-se tudo isto; talvez ele seja o melhor exemplo de uma pessoa em quem caráter e carisma se fundem. De Finney, Jonathan Edward, nos EUA, se diz a mesma coisa: eram carismáticos cheios de caráter. Enfim, todas as mudanças produzidas pelo evangelho nas nações onde houve avivamentos foram a partir de homens que aplicaram esta fusão de carisma e caráter aos seus ministérios. Poderemos ter uma igreja crescendo numericamente no Brasil sem que, contudo, tenhamos os mesmos efeitos transformadores a menos que, além do espírito do protestantismo, tenhamos também a ética evangélica do protestantismo em ação no país. A teoria de Max Weber sobre o impulso que a fé protestante deu às civilizações modernas só foi possível porque aquela fé evangélica tinha conteúdos éticos que faltam hoje em nosso meio.

O melhor negócio do país, mas não o melhor negócio para o país

Em segundo lugar, se as coisas continuarem assim, assistiremos aturdidos a fé se transformar no melhor negócio do país sem, contudo, ser o melhor

negócio para o país. Pode ocorrer, vez por outra, ouvirmos: "se você quer ganhar muito, abra uma igreja". Mesmo que isto pareça brincadeira, é assim que muitas pessoas estão vendo o retrato da Igreja. Isto é trágico! Por causa de alguns estereótipos criados pelo pastor milionário e dono da Igreja, charlatões adoecidos, a significativa maioria que dá duro para viver o ministério acaba pagando o preço. Isto não retrata toda a igreja, mas uma significativa fatia de sua liderança.

Já começamos a ver o mercado da música cristã se tornar um mercado selvagem. Ao ser convidado para um culto, o cantor cobra um cachê sob a alegação de que vive disto. E, assim, a canção que exalta o nome de Jesus num culto de adoração se transforma num negócio. Veja bem, um cantor, uma banda, um coral pode fazer um show, uma apresentação e cobrar ingresso , o que é justo, já que existem gastos a cobrir. Podem produzir discos, CDs e fitas para comercialização sendo, o lucro, um benefício para quem assim trabalhou. É assim que deve ser. Entretanto, o que se vê é, não só cantores cobrando para cantar, mas pastores cobrando para pregar! Nos EUA pode-se ver catálogos com a foto do pregador, a mensagem que prega melhor, e o preço de sua exibição, que às vezes vai de U$ 50.00 a U$ 5,000.00. Onde fica "*De graça recebestes, de graça dai*"? (Mt 10:8)

Minha secretária tem recebido perguntas sobre o quanto eu cobro para pregar, para saberem se teriam condições de pagar o meu cachê. Ora, isto

não é apenas ridículo, mas tremendamente triste! VINDE é a organização a qual presido que, assim como outras, promove congressos com muitos gastos. Por este motivo, tem-se que cobrar inscrições de participação a fim de se pagar a hospedagem, os auditórios, a estrutura, etc... Mas o culto a Deus e a pregação do evangelho não deve ser um negócio, e jamais deve-se cobrar por eles. Este espírito de comercialização da fé é diabólico.

Há muitos anos, venho viajando no mínimo duas vezes por semana. Solicitamos apenas, daqueles que nos convidam, o ressarcimento das despesas de viagem. Motivado por uma agenda sempre cheia, costumo fazer sempre uso de avião. Por duas vezes, nestes muitos anos de viagem, pedimos que nos conseguissem um avião de aluguel: uma vez em Macapá, e outra em Campos, interior do estado do Rio, para cumprir uma programação que não permitia a ida de carro pelo curto tempo de que dispúnhamos. O que passar do custo de viagem tem que ser absolutamente espontâneo, e tem que nascer no coração dos que foram abençoados com a sua mensagem, sem preços prefixados.

Se não abrirmos os olhos, permitindo que esta coisa fique desenfreada, se aceitarmos esta esquizofrenia entre caráter e carisma, e se entendermos isto apenas como uma opção, construiremos uma igreja que vai ser maioria no país... mas teremos anestesiado cinicamente a população para o evangelho; teremos nos transformado no que o catolicismo se tornou para o Brasil, da mesma

forma que o protestantismo americano se tornou para os Estados Unidos.

O grande racha

Em último lugar, poderemos assistir ao maior racha da história da religião no Brasil. Não estou me referindo ao que existe entre os que acreditam em milagres e os que não acreditam em milagres; não se trata de um racha de natureza eclesiológica, mas aquele entre éticos e o pessoal do vale-tudo. Se não tomarmos cuidado, acabaremos tendo duas igrejas no Brasil: uma igreja que tem consciência e uma que não tem consciência.

Como enfrentar essa esquizofrenia?

Agora, como vencer tal separação entre caráter e carisma? O que é que eu e você precisamos fazer juntos?

Dicotomia? Não!

Em primeiro lugar, nós precisamos hoje, enquanto é tempo, decidir não abrir mão do entendimento de que não é possível separar uma coisa da outra e, ainda assim, termos como resultado aquilo

que o evangelho chama de *cristianismo*. Em outras palavras, eu e você precisamos decidir já que nós não aceitamos a possibilidade de haver caráter sem carisma, nem carisma sem caráter. Nós queremos ver, na nossa vida e na Igreja, caráter e carisma andando juntos. O Novo Testamento não afirma nenhuma das duas possibilidades, e sim diz que as duas, quando desintegradas, são doentias e patológicas. Isto porque o carisma sem caráter gera a manifestação do milagreiro perdido de Mateus 7, de 21 a 24. Aquele que diz "SENHOR, SENHOR!", que usa o nome do Senhor para expulsar demônios e operar milagres, mas a quem o Senhor não conhece. Esse tem carisma e não tem caráter, já que tem carisma, mas pratica a iniqüidade, por isso, o Senhor não o conhece. De outro lado, os que têm caráter e não têm carisma acabam se transformando nos fariseus perdidos do evangelho, cheios de conteúdos e de regrinhas e de sinalizações morais, mas absolutamente secos de vida. Todos os dois estão perdidos.

Creia na honestidade pregada por Jesus

Em segundo lugar, é preciso voltar urgentemente a crer no sucesso da ética do Novo Testamento. Ao que parece, tem gente descrendo que aquilo que o Novo Testamento ensina como ética abre a porta para o sucesso. Há aqueles que quase confessam explicitamente: "para ser bem-sucedido é

preciso esquecer alguns desses princípios". Repreenda isso em nome de Jesus! É necessário que se volte a crer urgentemente no sucesso da ética do Novo Testamento. Ela tem a sua recompensa. Ainda que nem sempre imediata, ela sempre chega. Não é algo que acontece da noite para o dia, mas ela glorifica o caminho perseverante, persistente, consistente, coerente, determinado e comprometido.

Veja caráter e carisma com olhos positivos

Em terceiro lugar, precisamos aprender a pensar em caráter, não como um cabresto da visão, mas como um fundamento para a ação. Da mesma forma, precisamos aprender a pensar em carisma, não como a purpurina do show da fé, mas como a luz que ilumina os genuínos conteúdos da alma. Ou seja, caráter não é cabresto. Há os que não querem ter caráter porque pensam: "todo mundo que tem caráter que eu conheço tem uma visão pequenininha". Carisma também não é essa purpurina, essa lantejoula, esse *glamour*, esse encenar de uma alegria que nem sua mulher ou seus filhos conhecem em você. Caráter é o fundamento da ação e carisma é luz de Deus que ilumina até o porão da tua alma.

Ofereça-se como síntese

Em quarto lugar, precisamos urgentemente

buscar ser a síntese, e não uma das partes implicadas no conflito. Não diga: É por causa desse monte de gente que tem carisma e é safada que eu sou um ético seco. Sobre isso, tenho ouvido dizer: "Não sou como esses que fazem essas coisas. Eu não tenho nenhum desses dons mas, pelo menos, pago minhas contas em dia". Mas também encontro outros que dizem: "é, esse pessoal aí tem uma conduta maravilhosa, mas você vê, a igreja deles não cresce - a minha cresce". Chega disso, em nome de Jesus! O que é preciso ambicionar, desesperadamente, é ser a síntese: cheio de caráter e de carisma.

Princípios, sim! Guerra, não!

Em quinto lugar, precisamos fazer o possível para tomar posição clara sem, contudo, fazer de nossas posições trincheiras para a guerra. Ou seja, nisso tudo, é preciso definir com clareza o que se crê, o que se pensa, mas é preciso não transformar convicções em espadas.

Não faça a guerra, faça o amor de Deus.

Creia que há limites para a unidade

Em sexto lugar, precisamos saber e afirmar que há limites doutrinários e éticos para a unidade. Ou

seja, em nome da unidade não vale tudo, não!

Para Paulo, a mensagem da unidade não engloba toda e qualquer coisa. Em I Coríntios 5:11, ele deixa muito claro que havia um grupo com o qual ele não podia ter unidade.

"Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, se dizendo irmão, for impuro ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal nem ainda comais".

Lá, em II Timóteo 3, outra vez ele abre uma lista, que não é tão comportamental; é existencial, revela atitudes, e diz: cuidado, surgirão no meio do povo de Deus os implacáveis, os sem afeição, os duros, os que têm fachada de piedade, mas negam o poder de Deus na prática, ou que são avarentos e profundamente preocupados com o dinheiro. Tendo aberto uma lista de 19 tortuosidades, conclui: "*Foge também destes*".

Veja bem: é preciso saber e afirmar que há limites doutrinários e éticos para a unidade. Por ela, a unidade, vale fazer muitos esforços, como deixar de lado inúmeras convicções menores, mas há limites dos quais não dá para passar sob pena de você se promiscuir no processo.

Temos que honrar quem honra a ambos, carisma e caráter

Em sétimo lugar, precisamos honrar aqueles que encarnam projetos de vivência de ambos, carisma e caráter. Nós, evangélicos, temos uma memória curtíssima: somos uma igreja sem heróis. O que está acontecendo ao pastor Eneas Tognini? Ele está com mais de 70 anos de idade, tendo vivido sempre como um exemplo de caráter e de carisma. Estará ele sendo honrado como deveria?

Baluartes de vida, de décadas de compromisso com Deus, estão sendo esquecidos só porque apareceu um menino ali cheio de purpurina na cara. O que dizer do reverendo Antonio Elias que viveu décadas e décadas tentando juntar carisma e caráter? Está recebendo a devida honra? E mais: o Reverendo João Queiroz, de Fortaleza, no Ceará, que começou a pregar o evangelho no tempo do cangaço, fazendo um esforço indômito para reunir carisma e caráter, para oferecer uma referência séria do evangelho, está sendo honrado no nosso meio?

Já chega de sairmos como meninos, fazendo festa para pessoas que nós não sabemos nem quem são, que às vezes vêm para o nosso meio carregando tortuosidades profundas na vida e que se tornam, de repente, grandes expressões, sem que saibamos quem é sua mãe ou como ele trata a mulher. Sabemos se as pessoas que convivem com ele o respeitam? Enquanto isso, há em nosso meio pessoas que deram

a vida, mas que estão esquecidas entre nós!

Este é o momento de começar a honrar aqueles que encarnam projetos de vivência de carisma e de caráter. Estas são as pessoas que, na sua geração, têm-se transformado em referência sadia para a Igreja de Jesus Cristo.



O DESAFIO DE MANTER O CRESCIMENTO NUMÉRICO SEM PERDER DE VISTA A PROFUNDIDADE DO DISCIPULADO

"Mas, a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes. Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras". (Mt 11:16-19)

O texto acima transcrito tem muito a ver com o atual momento da Igreja em relação ao tema deste capítulo. De um lado, a gente vê pessoas que parecem estar tristes com o fato da Igreja estar crescendo tanto, e entram em pânico: O que será que vai acontecer no futuro? E agora? Essa massa incontrolável, o que é que a gente vai fazer? De outro lado, existe um grupo, pulando de alegria, eufórico: Olha só! E eles mostram os números estrondosos desse crescimento, "daqui a mais quinze anos, nós vamos ser maioria, nós vamos

fazer isso, vamos fazer aquilo". Um triunfalismo enorme!

Eu fico pensando que temos dentro de nós uma situação de igual imaturidade em relação aos religiosos descritos por Jesus porque, de um lado, ninguém jamais deveria ficar triste pelo fato de a Igreja estar crescendo, porque a Igreja está no mundo para crescer. Eu e você devemos saudar este crescimento porque isso é obra do Espírito Santo. Entretanto, nenhum de nós deveria cair no triunfalismo que só celebra números, sem ficar profunda e pastoralmente preocupado com a necessidade de que esse crescimento não seja superficial, mas se traduza em profundidade de alma, de compromisso e de conteúdo de tal maneira, que nós não tenhamos apenas uma maioria evangélica um dia, mas, sim, uma maioria que mude a história do Brasil. Caso contrário, vamos ter uma maioria e o Brasil continuará igual. Assim como o catolicismo que foi maioria a vida inteira e construiu uma sociedade miserável, nós não gostaríamos que a Igreja Evangélica fosse maioria para construir uma sociedade igualmente desgraçada e corrompida.

Há uma constatação que temos feito e afirmado repetidas vezes: "A Igreja Evangélica no Brasil é uma das que mais crescem no mundo", e glória a Deus por isso! Eu e você não sabemos o que é viver num país onde se prega, e não acontece nada. No Brasil, graças a Deus, você prega e sempre acontece muita coisa!

As fontes do crescimento

Quero afirmar aqui seis pontos básicos de onde procede esse crescimento.

Em primeiro lugar, **esse crescimento vem da ação esperançosa que a fé pentecostal trouxe ao povo**. Durante anos, as igrejas históricas estiveram aqui fazendo seu trabalho, tentando evangelizar, ministrar, construindo hospitais, escolas e universidades, implantando igrejas. Cresceram. Foram de alguma forma implantando bases, estabelecendo fundamentos, mas não conseguiram explodir para dentro da grande massa do coração da sociedade brasileira. Foi então que houve o advento da chegada do movimento pentecostal ao Brasil, aproximando a fé do Evangelho ao coração do povo. Trouxe uma fé esperançosa num Deus vivo, não apenas em confissão e credo, mas vivo na prática que pode estender a mão e curar doenças; por sua palavra são expulsos os demônios, em seu nome milagres são feitos e orações são objetivamente respondidas.

Existencialmente, esta fé penetrou naquilo que a gente poderia chamar de veio mais fundo da alma da nação brasileira, essencialmente mística, que espera ser invadida, de alguma forma, por qualquer tipo de manifestação religiosa que tenha resposta para essa dimensão invisível da vida. Ao mesmo tempo, é prática, porque se materializa na produção de resultados de benefícios concretos para a vida das pessoas. E o que observo, por exemplo, é que não só os pobres, os simples, os despojados têm esse tipo de

expectativa, mas até aqueles que pertencem a grupos mais elevados; aqueles que esperam ouvir uma mensagem mais articulada, mais concatenada, "mais produzida" em termos de começo, meio e fim. Mas eles não esperam que seja só isso. Esperam que essa mensagem também traga consigo uma dose mística profunda, uma vitalidade e uma certeza que afirma que o Deus que se prega está vivo.

Há algum tempo, minha esposa e eu ouvimos de um dos psicanalistas mais conhecidos desse país, uma história impressionante. Ele e a esposa, que não são crentes, tiveram há algum tempo uma experiência forte com a fronteira e o limite do saber.

Ela, a esposa, contou que numa determinada madrugada em casa, sua filhinha foi levantada da cama, ameaçando se jogar pela janela. Segundo ela, parecia que alguém a puxava para que se jogasse pela janela. Então, telefonou para o marido, que estava em outra cidade. Ele foi dando instruções pelo telefone, usando todos os recursos da psicanálise tentando, de alguma forma, ajudar.

Contou-nos: "Nós esgotamos todos os nossos recursos e não havia nada que fizesse a menina parar de querer pular pela janela. Havia algo morbidamente atrativo do lado de fora, desafiando-a a pular". E continuou: "até que, depois de duas horas de luta e de angústia, eu extremamente impotente, olhei para o céu e falei: 'Deus, tem que ter uma resposta para isto'. Foi então que ordenei: 'em nome de Deus, que me deu amor pela minha filha, sai dela'. Aquela coisa

saiu".

Enquanto ela me contava aquela história, lembrei-me de muitas outras, que relatei para ela; depois, impusemos as mãos sobre eles e os vimos (ela principalmente) se derramar num choro sincero e terno, ali, em nossa casa. Mas por quê? Porque mesmo os intelectuais do Brasil querem uma fé que, sendo inteligente, não prescinde de ser fé.

Em segundo lugar, **esse crescimento vem da proximidade litúrgica dessas manifestações de fé, em relação à realidade brasileira**. Ou seja, não só a fé pentecostal trouxe a mensagem viva, de um Deus que intervém, mas ela ajudou a criar uma liturgia mais próxima da realidade da sociedade brasileira, mais livre, mais aberta, mais solta, mais alegre. Você que é metodista, presbiteriano, episcopal ou luterano, que já experimenta na sua comunidade uma liturgia mais aberta, saiba que você deve isto, fundamentalmente, ao movimento pentecostal, que foi quem abriu ao povo a possibilidade de falar, pular, dançar, se expressar, gritar e se fazer ouvir, ainda que para dizer: "Aleluia"!

Mas não somente isso: ritmos novos foram trazidos para dentro: o baião, o samba, o bolero e, recentemente, o rock, o rap e vários outros ritmos que estão aí. Essa liberdade litúrgica de culto, de expressão, tem sido algo absolutamente contagiante, fazendo a Igreja crescer imensamente e se tornar um lugar atrativo para as pessoas que chegam. Neste ponto, eu quero dizer que algumas pessoas mais

sofisticadas acham que cultura brasileira é apenas aquilo que lhes agrada. Então quando ouvem Milton Nascimento, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, dizem: isso é cultura brasileira! Mas, quando ouvem Chitãozinho e Chororó ou Leandro e Leonardo dizem: isso aqui é breguice!

Muitos dos que me ouvem dizer essas coisas pensam: Eu queria conhecer essa igreja evangélica brasileira tão contextualizada assim. E eu digo: Você ainda não conhece essa igreja porque você só chama de contextualização aquilo que agrada ao seu ouvido. Se você for às comunidades que estão estourando pelo Brasil inteiro, vai ver que pode até não agradar ao seu ouvido, pode ser ranheta, brega, mas tem tudo a ver com aquilo que a sociedade em volta dessa comunidade chama de gostoso. São essas as que mais explodem. Há músicas evangélicas consideradas bregas, para o gosto da sociedade de classe média, mas estão vendendo cerca de um milhão e meio de cópias por ano, fazendo Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda babarem de inveja do lado de fora. Isso é explosivo, contagiante.

Em terceiro lugar, **esse crescimento vem da descentralização evangelística**. É o povo que faz a Igreja crescer, e não um projeto de gabinete, ou um pastor; não é alguém contratado para pregar e trazer pessoas a Cristo. É todo mundo levando ao extremo o exercício do sacerdócio universal dos crentes, não só quanto a orarem, mas também quanto a proclamarem a Palavra aos perdidos.

Em quarto lugar, **esse crescimento vem da consciência de batalha espiritual que gera agressividade espiritual em relação a manifestações religiosas que, em outros segmentos, são entendidos apenas como cultura**. É o culto a Iemanjá, aos exus, aos pretos-velhos. Esses irmãos de fé agressiva não respeitam, antropologicamente, esses cultos. Eles olham para isso e dizem: "Sai em nome de Jesus", porque sabem que ali dentro, o que há é manifestação demoníaca que não pode ser tratada com condescendência, é maligno mesmo.

Em quinto lugar, **esse crescimento vem da proximidade da agenda do púlpito com a agenda do povo**. Isto é, o púlpito acaba tratando, de uma maneira ou de outra, às vezes até de modo extremamente raso e superficial, os dramas de cada indivíduo. São mundos povoados por espíritos malignos, vícios, maldições, enfermidades ou coisas do gênero que se encrostam na consciência dos cidadãos do Brasil. Só são devidamente tratados quando enfrentados, dando-se nome a esses fantasmas, ao serem, de alguma forma, exorcizados do coração desses que são afligidos por eles.

E, em último lugar, **todo esse crescimento vem de uma profunda afirmação do valor e prática da oração como veículo direto de comunicação com Deus**. O que mais me impressiona, ao visitar esses amados irmãos e irmãs, é a ênfase fantástica na oração. Tenho-me dado ao luxo de entrar em lugares pobres, como, por exemplo,

Vigário Geral, uma favela no Rio de Janeiro. A qualquer hora do dia, que se vá na maior parte das igrejas evangélicas daquele lugar, encontrar-se-á, no mínimo, até uma dúzia de senhoras com coquezinho na cabeça e o joelho no chão, chorando e pedindo a Deus misericórdia por traficantes, por viciados e por seus filhos. Sempre que chego lá, sinto-me humilhadíssimo. Aquelas heroínas, cujos nomes Deus conhece muito bem, que não cessam de falar com ele dia e noite, são gigantescas diante de Deus em oração. E aí você pergunta: "Por que será que as igrejas crescem nessas favelas?" Crescem, por causa desses "coques santos" que não cessam de se apresentar diante de Deus, quer seja dia, quer seja noite.

Crescimento e superficialidade

Por que essa igreja que cresce tanto não consegue produzir profundidade em si mesma? Por que consegue se espraiar de maneira fantástica, mas parece não ter conseguido se aprofundar na Palavra em si mesma? Há quatro razões básicas para isso.

Em primeiro lugar, **ela tem na inteligente, porém ineficaz, experiência protestante, uma referência negativa a ser evitada**. O raciocínio é o seguinte: "ora, se o pessoal que é inteligente, que pensa e que sabe das coisas não consegue produzir nada eficaz, esse pessoal não está com nada". Entende-se: "eu tenho medo de ficar igual a eles". A

referência que eles têm do saber é improdutiva demais para ser desafiante, o que traz um medo de se embarcar nisto, porque se sabe que o fim é a aridez total e a inoperância.

Falta uma referência que concilie saber, profundidade, intrepidez e intensidade; que faça as coisas acontecerem também para o lado de fora. Faltam aquelas referências presentes nos grandes avivamentos de todos os tempos. Resumindo: falta alguém como Paulo, que encarne este projeto teológico, doutrinário, filosófico, reflexivo, mas que também saiba dizer: "Sai dela, em nome de Jesus", e, ainda, "Apruma-te sobre os teus pés", e o incapacitado é curado.

Falta essa possibilidade de fazer síntese de tal maneira que inteligência e profundidade não sejam sinônimos de inoperância e ineficácia, mas se tornem uma referência a ser ambicionada, almejada, uma profundidade a ser buscada. O mesmo se pode dizer de Lutero, teologicamente profundo, mas cuja mulher testemunhava que algumas vezes ela o ouvia orando atrás das portas do seu quarto, clamando diante de Deus como um leão rugindo e que, em alguns momentos, o homem falava em línguas e profetizava. O que dizer de John Wesley, homem teologicamente profundo, socialmente comprometido e lúcido, e espiritualmente "quente". Não era apenas de muita oração, mas de muita reflexão. Assustou-se ao perceber que, ao pregar, as pessoas caíam no chão grunhindo. Pensou: "Será que há alguma coisa errada com minha pregação?" Tratava-se, isto sim, do poder

de Deus sendo liberado com uma ação enorme sobre aqueles que o ouviam. Entretanto, aquele homem "poderoso" era também um pensador. Diz-se o mesmo de Finney, um advogado de mente lúcida, articulada, teologicamente vívida, pronta, profunda. Ao mesmo tempo, pregava com unção, pedindo sempre que Deus renovasse essa unção sobre sua própria vida e lhe desse novas experiências do poder de Deus.

Em segundo lugar, podemos dizer que **falta apetite reflexivo do povo**. Dá muito menos trabalho se o líder não precisa ser tão docente, tão pedagógico, tão estudioso. Ao invés de ensinar a Palavra, fica muito mais fácil se transformar num animador de auditório. Quem sabe um "Gugu" evangélico, ou um "Sílvio Santos" evangélico? Está cheio de animadores de culto que não pregam a Palavra. Fazem o povo rir, pular, cair, rolar, gritar, mas saem dali sabendo muito pouco sobre o caráter de Deus. Há hora para tudo. Nem só de euforismos vive o crente, mas de toda Palavra que sai da boca de Deus.

Há um tempo, deparei-me com uma situação engraçadíssima: eu estava sentado num púlpito esperando a hora de pregar e observava o dirigente daquela igreja muito grande. Ia para um lado e para o outro, contando uma piada atrás da outra e o povo gargalhando. Cantava um hino e contava uma piada. De tão comediante, faria até mesmo o Chico Anísio virar triste; o Jô Soares, desagradável e o Gugu, então, uma freira comportada! Enquanto contava aquelas histórias engraçadíssimas, um colega dele, sentado ao meu lado, virou-se rindo para mim, e disse: "Ele é

uma figura, não é, Reverendo? Uma figura! Ruim de pregação até não poder mais, mas um excelente animador de auditório!" Eu pensei que ele estivesse de brincadeira, então falei: "Desculpe, eu não entendi". Repetiu: "Ele é ruim de pregação, mas um excelente animador de culto. É uma maravilha"!

Isso tem a ver com o fato de que, por natureza, nós não somos um povo reflexivo. Não gostamos muito de pensar, e então, essa inapetência reflexiva, essa falta de apetite e de desejo reflexivo casa-se perfeitamente bem com um projeto de liderança pastoral preguiçoso. Dá muito menos trabalho se tornar animador de auditório do que mestre na Palavra, e pastor de almas que ensina a palavra de Deus!

Em terceiro lugar, **faltam referências claras de ensino profundo que se conciliem com uma unção incontestável na vida comunitária**. Igrejas que conciliem isto de maneira equilibrada para que possam se tornar grandes referências de como fazer crescimento estrondoso acontecer com profundidade, simultaneamente.

O projeto bíblico de crescimento integral

Tudo o que foi falado até aqui é uma grande introdução para chegar onde eu queria: qual a proposta bíblica de integração entre crescimento e profundidade? Que modelos e experiências bíblicas

mostram onde o crescimento foi integrado à profundidade?

O modelo samaritano

Quero apresentar dois modelos que explodiram, evangelisticamente falando, registrados no livro de Atos. O primeiro encontra-se no capítulo 8, e trata-se de um modelo que quase virou sincretismo cristão. Foi uma expansão, uma explosão evangelística, acontecida da noite para o dia. A Igreja cresceu tanto que correu o risco de perder seu conteúdo, sua consciência e sua natureza. Mas Deus interveio e corrigiu o rumo.

Trata-se do projeto de evangelização em Samaria. Depois da morte de Estevão, houve uma perseguição contra a Igreja, e muitos daqueles que eram discípulos de Jesus, em Jerusalém, foram dispersos pelas cidades à volta. Filipe foi um dos dispersos que saíram evangelizando, falando de Jesus. Ele era um dos diáconos da Igreja de Jerusalém. Logo que chegou a Samaria, começou a pregar a palavra de Deus com graça e com poder do Espírito Santo de tal maneira, que diz a Bíblia, "*os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados. E houve grande alegria naquele lugar.*" (At 8:7-8)

Então, a Igreja em Jerusalém ouviu falar daquele evento extraordinário que estava acontecendo em Samaria. Os versos de 9 a 13 narram que um dos

que representavam bem o tipo de espiritualidade do local era Simão, o mágico. Ele via os milagres e as curas extraordinárias feitas por Filipe, e ele mesmo, que era considerado um grande vulto espiritual, um mago, um bruxo samaritano, com toda sorte de esperteza espiritual, percebe tratar-se de um poder maior do que aquele conhecido por ele.

Naquele mesmo tempo, chegaram a Samaria Pedro e João. Em conversa com o pessoal local perceberam que seu conhecimento se resumia ao fato de que ouviram falar de Jesus, sem qualquer conhecimento do Espírito Santo. Eram crus na fé, sabendo apenas da existência de um poder maior do que aquele que os afligia.

Vendo Simão que à imposição das mãos de Pedro e João recebiam o Espírito Santo, tratou de chamar Pedro a um canto e oferecer-lhe dinheiro: *"Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo. Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus".* (At 8:19-20)

Após ouvir isso, Simão pediu-lhe que orasse por ele, para que tudo quanto fora dito por Pedro não recaísse sobre ele.

Pergunto: em que essa experiência nos pode ser útil, no Brasil?

Em primeiro lugar, aponto tratar-se de um

modelo que chega quase ao sincretismo. Trata-se de algo que funde concepções, visões, pré-compreensões religiosas de natureza distinta e, às vezes, até divergente. Quando se tem uma visão cristã penetrada por visões pagãs, isso é sincretismo. Acontece quando se tem uma amálgama de religiões, de visões, de filosofias contraditórias, mas que, na cabeça e na vivência de alguém, se tornam coisas conciliáveis, tornando-se um terceiro produto em função do qual se vive agora, ainda que abandonando as partes originais e essenciais que contribuíram para se formar essa terceira coisa — isso é sincretismo.

As características da explosão evangelística em Samaria

O que acontece em Samaria é inicialmente uma ação evangelizadora extraordinariamente explosiva. Como isso se deu?

Em primeiro lugar, **aconteceu através de um ministério leigo**! O verso 4 diz que são "os dispersos", e entre eles Filipe, que vão lá. É gente do povo pregando ao povo. Não são os especialistas, mas aqueles cheios do Espírito Santo tomados pela obsessão de falar de Jesus.

Em segundo lugar, **tratava-se de um evangelismo carismático**. Os versos 6 e 7 narram que as multidões estavam ouvindo o que Filipe pregava e vendo os sinais realizados - não apenas um evangelismo que verbaliza alguma coisa. Algo é dito,

é pregado, é proclamado, mas é manifestado também como sinal que confirma esta palavra. É por isso que afirmo que se tratava de um evangelismo carismático.

Em terceiro lugar, o verso 8 diz que **se tratava de uma ação evangelizadora extremamente alegre**. Havia gozo, pujança, a possibilidade de se dançar de alegria com o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo, vale dizer que tal projeto corria dois riscos.

O primeiro deles era o de ser paganizado pela pressa demasiada. O verso 12 diz que esse pessoal que ia sendo exorcizado de espíritos malignos era logo batizado. "Aceitou a Jesus?" "Aceitou." "Quem é o Senhor agora? É o Exu-caveira?" "Não, não é mais". "Quem é?" "É Jesus". "Então batiza". E o indivíduo sabe apenas que existe um poder maior que o de Exu, mas ele não sabe mais nada sobre esse poder; não sabe quem ele é, como ele ensina a viver, não sabe mais coisa alguma. É apenas mais um poder: o maior de todos! Eu sou a favor de que o batismo não venha muito depois da conversão. Em muitas ocasiões, no Novo Testamento, o batismo veio logo a seguir, mas é preciso ver os contextos. O batismo exige uma consciência mínima sobre a fé e que não pode ser banalizada. O batismo acelera processos de comprometimento com a fé, mas há consciências básicas sobre a salvação que têm de ser afirmadas e ensinadas.

O segundo risco era o de ser paganizado pelo sincretismo espiritual. Isto está muito bem

ilustrado pela fé de Simão, o mágico, acerca do qual se faz descrição do verso 9 ao verso 24, no capítulo 8 de Atos. Como era a fé desse Simão?

Ela é caracterizada pelo fascínio do poder. Diz o verso 13 que ele tinha uma fascinação enorme por manifestações extraordinárias. Tendo dedicado toda a vida ao elemento místico, naquele momento ele encontrou alguém igualmente místico, mas com muito mais poder do que tudo que ele conhecia até então, e ficou fascinado! Além disso, diz o verso 8 que **havia o fascínio do controle sobre o dom**. Ora, esta é uma maneira bastante pagã de ver espiritualmente as coisas, já que é o paganismo que ensina que você tem controle sobre os dons; que mexe botões, fala palavras mágicas, aciona determinadas vibrações e faz com que as coisas aconteçam. É uma mágica, uma mecânica milagrosa, e é isso que Simão gostaria realmente de ter: poder sobre os dons do Espírito, como diz o verso 18.

Vemos também a idéia pagã de que o dinheiro compra tudo, até benção, conforme narra o verso 18. Sempre que você ouvir essa idéia de que se eu der dinheiro para Deus, ele estará obrigado a me fazer favores extraordinários, saiba que há uma dose forte de paganismo por trás disso. Deus tem prazer na minha fidelidade e eu contribuo com a obra de Deus porque ele é meu Deus. Agora, o meu espírito tem que ser o de Habacuque:

"*ainda que a figueira não floresce, nem há fruto na vide; o produto da oliveira mente, e os campos*

não produzem mantimento(...) Todavia, eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação". (Hc 3:17-18) Eu sirvo a Deus por nada, e meu dinheiro não obriga Deus a nada. O meu privilégio é o de dar.

E ainda: **vem a visão fetichista acerca dos portadores da Palavra**. Esse homem, Simão, que tem visão pagã, olha para Pedro e João de forma igualmente pagã, como se eles tivessem poder sobre a Palavra, como se eles funcionassem no mundo espiritual assim como um bruxo funciona numa vila ou um pajé numa tribo indígena. Então, Pedro diz: Olha, o Senhor não vê teu coração reto, e os intentos do teu coração são pervertidos. A mão do Senhor pesará sobre ti. Ele volta-se para Pedro e diz: Roga por mim, para que isso não aconteça. Ou seja, retira a maldição; vira essa boca para lá; tira essa mandinga de cima de mim; cancela essa urucubaca cristã. O espírito é esse.

Até aqui, foi visto como às vezes o movimento de evangelização extraordinário começa a ser penetrado por sincretismos espirituais e por paganismos que vão minando os conteúdos sadios da fé. No entanto, aquela experiência de Samaria, que poderia se transformar no primeiro manifestar de uma fé cristã sincretizada e paganizada no planeta, foi salva por causa de uma intervenção apostólica.

Que intervenção é essa?

São quatro as suas características, como passarei a explicar.

Em primeiro lugar, **manifestam-se como um segundo time que chegou para passar o *pente fino***. Diz o verso 14 que Filipe está lá *mandando chumbo* na linha de frente, quando, então, vem aquele segundo time que passa o *pente fino.*

Em segundo lugar, **um segundo time que se concentrou na ação pastoral,** dizem os versos 13 e 14. Eles estavam ali para olhar para as pessoas, falar com as pessoas, fazer perguntas às pessoas, ouvir que tipo de fé as pessoas tinham, o que elas receberam, o que elas não receberam, o que elas sabiam e o que não sabiam e orar por elas para que recebessem o Espírito em profusão.

Em terceiro lugar, **esse segundo time corrigia distorções**. Nos versos 20 e 23, vemos Pedro corrigindo Simão com sua teologia pagã.

Em último lugar, **situamos esse segundo time que aprofundou o ensino**. O verso 25 diz que eles ficaram ali, testificando a Palavra, colocando a Palavra "para dentro". Aqui, constata-se que é absolutamente possível ver essa expansão extraordinária acontecendo e, ainda assim, uma intervenção que traga fé ao coração da alma dessa igreja nascente.

O modelo antioquiano

A segunda experiência está em Atos dos apóstolos no capítulo 11. Historicamente falando, o

fato narrado ali, apesar de ser algumas páginas depois do capítulo 8, aconteceu praticamente de maneira simultânea, conforme o verso 19:

"Então os que foram dispersos, por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão, se espalharam até a Fenícia..."

Ou seja, o capítulo 8 conta a história de Filipe indo a Samaria. Mas entre aquela história e essa outra, há algumas outras narrativas inseridas em Atos. Cronologicamente, entretanto, esse episódio de Atos 11 é simultâneo à passagem de Atos 8. Trata-se do mesmo grupo: um vai para Samaria, outro vai para Fenícia.

Em Antioquia eles pregam pela primeira vez a Palavra para fora da comunidade de Israel, pregam em grego e quem entende o idioma responde; uma multidão se converte, milagres acontecem e a Igreja em Jerusalém fica ouvindo o que está acontecendo em Antioquia. Manda o segundo time. Manda Barnabé e, ele que era gente boa, como diz a Palavra, chega e diz: Olha que coisa linda está acontecendo aqui, isso daqui é muito para mim, eu preciso de ajuda. Vocês ficam aqui um pouquinho, mandando fogo, pregando mesmo, que eu vou chamar ajuda. Então, ele vai a Tarso e encontra Paulo: Você vem me ajudar? Seguem os dois. É o *projeto pente fino*, ensinando e aprofundando a Palavra.

Basta um ano ali para um processo extraordinário se deflagrar, uma Igreja sólida e sadia

começa e acaba despedindo Paulo e Barnabé para evangelizar o mundo todo. Agora, como é que isso acontece? Quais são as grandes marcas desse modelo perfeitamente equilibrado?

Em primeiro lugar, **também trata-se de uma ação leiga**, diz o verso 19. É o mesmo grupo de gente do povo, gente simples, nada de especialista, mas gente apaixonada por Jesus que vai e prega.

Em segundo lugar, **trata-se de uma comunicação culturalmente ajustada**, diz o verso 20. É gente que fala a língua do povo, de modo que as pessoas entendam.

Em terceiro lugar, **é uma ação encharcada de unção**, diz o verso 21. Não só eles pregam, mas "*a mão do Senhor estava com eles.*"

Em quarto lugar, **é uma ação que resultou em multidão de convertidos**, diz o verso 21, "*muitos crendo se converteram ao Senhor*", porque crescimento numérico é também alvo bíblico da evangelização.

Em quinto lugar, **é uma ação que se faz acompanhada de profunda referência de caráter.** O verso 24 diz que Barnabé era homem bom, cheio de fé e do Espírito Santo. Então, vejam que se trata de uma ação que se faz acompanhar de profunda referência de caráter por parte do líder. E aqui é maravilhoso, porque se diz que ele é bom e é cheio de fé e do Espírito Santo. Hoje em dia, a maioria das

pessoas boas que eu conheço não são cheias de fé. Às vezes encontro uns que são cheios de fé, mas não são muito bons. E às vezes, encontro uns que são cheios do Espírito Santo, são bons, mas não têm muita fé para olhar para frente e dizer: "Eu vou". Também vejo gente cheia do Espírito Santo fechada em casa, de pijama. Este homem, Barnabé é um santo: ele é bom, cheio de fé e do Espírito Santo. Coisa maravilhosa!

Em sexto lugar, **é uma ação que contou com o segundo time que aprofundou o ensino**. Conforme os versos 25 e 26, Barnabé e Saulo, por todo um ano, ensinaram àquela Igreja.

Em sétimo lugar, **ela é uma ação que conciliou carisma e preocupação social na mesma agenda**. Os versos 27 a 30 mostram que esse profeta que aparece aí não profetiza só dizendo: Ah, você vai fazer uma grande viagem, e o Senhor será contigo; Ele vai te levar para umas férias maravilhosas, e você vai encontrar um homem de Deus que vai te dizer: Deus te abençoe. O que eu gosto no carismatismo desse profeta é que ele é carismático mesmo, a barba dele está pegando fogo! É cheio do Espírito Santo! Mas a profecia que ele faz tem a ver com a terra, tem a ver com a vida dos outros: Virá fome sobre o mundo, e é melhor fazer alguma coisa para socorrer os necessitados. Alguém ouviu alguma profecia a esse respeito? De algum profeta que chegou e disse:"Assim diz o Senhor: Abram os vossos olhos para ver os miseráveis da favela ao lado."Eu nunca ouvi . Só tenho ouvido

profecia diferente: " Olha, o Senhor vai te dar uma Mercedes, o Senhor vai te dar um Suzuki." A profecia de Ágabo é cheia de misericórdia. Esta profecia é solidária, com carismatismo perfeito para um país onde há miseráveis: há fome no mundo e Deus quer levantar vocês para fazer alguma coisa a respeito.

E mais ainda, **é uma experiência comunitária de conciliar ensino e carisma**. O capítulo 13, verso 1, diz que havia naquela Igreja "profetas e mestres". Havia profecia, coração, emocionalidade e o lado místico. Mas havia também o ensino, o estudo, a Palavra, a lógica, a ministração que diz uma coisa depois da outra.

E, por último: **é uma visão comunitária que se via a serviço do mundo sem Deus**. O capítulo 13, do verso 1 ao verso 3, diz que esse pessoal toma o que tem de melhor na Igreja e entrega para o mundo. Com isso, nós aprendemos que no Novo Testamento crescimento numérico não é inimigo da profundidade. Você pode ter as duas coisas acontecendo.

Desafios que ficam para você

Primeiro, **estimule a ação leiga na sua igreja**. Acabe com essa idéia de que igreja que cresce tem um pastor que sabe das coisas. A Igreja cresce quando o povo de Deus está cheio do Espírito Santo, e está tomado pela obsessão de falar de Jesus. Inicie uma grande mobilização de liberar o povo de Deus para ser povo de Deus, para exercer o seu sacerdócio

universal, para visitar e orar por doentes, para expulsar demônios, para falar de Jesus, para consolar enfermos, para ir a cárceres. Enfim, desafie o povo de Deus a ser povo de Deus no mundo.

Segundo, **reestude toda a sua comunicação**. Veja se você está falando alguma coisa que é inteligível do lado de fora. A gente precisa aprender desesperadamente a falar muitas línguas, não apenas as espirituais — "eu quisera que todos vós falásseis em outras línguas", como diz Paulo. Ou seja, se você quer que a mensagem que você prega atinja as pessoas, reestude completamente a sua comunicação e pergunte se a maneira como você fala, o que você diz, o modo como você se articula, tem alguma coisa a ver com as pessoas que você quer atingir.

Terceiro, **sonhe com muita gente vindo para o Senhor**. Sonho é algo extraordinário! Eu nunca vi alguém ter uma Igreja que cresce e que tenha sonhos pequenos. Se você quer ver a obra de Deus se expandir no seu ministério, sonhe com muita gente vindo ao Senhor.

Quarto, **acredite na realidade diferenciadora da unção**. Acredite que uma coisa é pregar um sermão bonitinho, outra coisa é pregar um sermão ungido; uma coisa é falar do evangelho, outra coisa é anunciar o Evangelho no poder do Espírito Santo. A diferença é brutal!

Quinto, **faça a sua ação ser acompanhada por generosidade e por caráter**. Ou seja, em tudo

que você fizer, mostre essa atitude de gente boa, cheia de fé e do Espírito Santo. Peça a Deus para dar a você um coração bom, generoso, misericordioso, compassivo, santamente atraente e cheio de unção. **Não há nada mais fantástico do que bondade ungida**.

Sexto, **enquanto você prega, cura doentes, expulsa demônios e profetiza, lembre-se também dos pobres**. Paralelo a essa unção quando prega, expulsa demônios, cura doentes e profetiza, socorra os pobres: isso é carisma também, é graça.

Sétimo, **abra espaço para o equilíbrio entre ensino e carisma**. Abra espaço para a intuição, abra espaço para o coração e para a emoção. Mas abra também espaço para a reflexão, para o pensar, para a teologia, para a articulação. Tente ver se essas coisas se "misturam" na sua vida e na sua igreja.

Por último, **jamais pense que o Espírito Santo pretende confinar os melhores dons à Igreja**. O Espírito Santo quer que a Igreja ofereça o que há de melhor a esse mundo perdido:

"*Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna*". (Jo 3:16)



MUDANDO A IMAGEM DA IGREJA SEM RECORRER AO MARKETING BARATO

"*Maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito*". (Ef 5:25 - 27)

Este texto está ligado diretamente a um contexto que fala do relacionamento conjugal, marido e mulher.

Mas, de repente, Paulo abandona esse contexto imediato e faz uma curva em um outro assunto, para ilustrar a verdade que ele está ensinando, trazendo, assim, a revelação da instrução acerca do fato de que Deus tem um senso estético. Paulo diz que Jesus, enquanto noivo da Igreja, não está querendo casar com uma noiva desconjuntada, feia e sem graça. Ele tem senso estético e aprecia a beleza. É por isso que nessa intenção estética de Jesus em relação à imagem de sua noiva, em relação à imagem de sua Igreja, ele

toma algumas iniciativas.

Em primeiro lugar, ele lhe dá um bom banho: "*lavagem de água pela Palavra*". Lava para tirar máculas, sujeiras.

Em segundo lugar, ele a maqueia, embelezando-a, para tirar rugas. As mulheres sabem exatamente do que é que eu estou falando. Ele assim o faz no intuito de apresentar a si mesmo uma noiva lavada, sem mácula nem ruga. Assim, aprende-se acerca dessa dupla estética de Deus: uma é interna: *a fim de que apresente Igreja santa*; e a outra é externa: *a fim de que apresente não só santa, mas também* ***sem defeito***. Ou seja: existe literalmente a preocupação de que haja beleza interior e exterior; de que aquilo que se constrói no íntimo tenha reflexos estéticos perceptíveis para o lado de fora. A intenção de Jesus é a de que essa Igreja seja bonita por dentro e tenha a cara bonita para o lado de fora. Que seja bela para Deus e para o mundo.

Estamos vivendo a hora do marketing, da imagem, da forma, da estética, do visual, do oferecimento de determinados padrões e projetos que possam ser consumíveis; que possam ser, de alguma forma, assimilados e absorvidos pela sociedade em volta.

Esta hora do marketing em ano político chega a extremos de sofisticação incríveis, ainda que não tão tecnicamente sofisticados como o que já acontece nas eleições nos Estados Unidos. Na eleição de

Clinton, por exemplo, o candidato contratou um grupo de especialistas em marketing, que chegou ao cúmulo de convidar aproximadamente cem pessoas, agrupando-as em uma sala, e as deixando expostas a um telão que exibia uma palestra do, então, candidato. Cada uma delas recebeu sensores colocados em seu coração, pulso, testa, e em alguns outros pontos, de maneira tal que, a cada palavra dele, a cada tema abordado, essas pessoas respondessem com batimentos cardíacos, pulsação, alteração da temperatura do corpo, etc. Numa sala ao lado, especialistas estudavam tais oscilações para determinar que temas sensibilizavam mais as pessoas, para que, assim, pudessem decidir a temática a ser abordada na campanha. Não se pode imaginar manipulação maior! O que conta é dizer o que se quer ouvir, e não o que se pode fazer, de fato, caso seja eleito.

No Brasil, temos na figura do Enéas a maior jogada de marketing dessas últimas eleições. Uma figura *formigal*, não é? Barba enorme, testa proeminente, voz metálica (que me desculpem os seus eleitores, apenas o estou descrevendo, esteticamente). Enéas, aquele que não tinha tempo na televisão, chegou apenas dizendo: "O meu nome é Enéas!", captando a atenção de milhões de pessoas no país. Esse foi o grande fenômeno da eleição de 1994, batendo Orestes Quércia, Leonel Brizola e Espiridião Amin; máquinas de partidos poderosos ficaram para trás por causa dessa *sacada*, que pode ter sido absolutamente espontânea, intuitiva, que o fez, por falta de tempo, apenas botar aquela cara exótica para

o lado de fora e dizer: "Meu nome é Enéas!" Agora, quer seja para rir ou para chorar, o país inteiro presta atenção no que ele diz. Há os que riem; há os que votam.

Diante de nós apresenta-se agora uma nova produção de marketing, uma outra criação de imagens – a do Rubinho Barrichello. Não se pode ficar sem um piloto de Fórmula 1, o vácuo da ausência de Senna foi muito forte. Contratos milionários estão envolvidos naquela transmissão: a Rede Globo investe milhões; companhias investem milhões. É preciso criar um outro que, ainda que não chegue perto, pelo menos mexa com a nossa *brasilidade*. É preciso que, nas manhãs de domingo, a nossa saudade de Senna seja amenizada pela oportunidade de ver um brasileiro brigando por alguma coisa. Ele é o novo super-homem programado pela propaganda. A televisão anuncia um tênis: "O tênis do Rubinho", onde ele passa a trezentos por hora por uma menina bonita. É a imagem do veloz, carismático, simpático, bom filho; um *mauricinho*, um *ronaldinho*, uma dessas figuras facilmente consumíveis pelo paladar da classe média.

A espiritualidade da imagem pública

A Bíblia também revela preocupações quanto à imagem pública, não só da Igreja, mas também do povo de Deus. Basta ver o que Jesus diz: "... *brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que*

vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus". (Mt 5:16)

Para melhor exemplificar, os versículos 46 e 47 do capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos comentam sobre a Igreja em Jerusalém, concluindo que eles estavam todos os dias louvando a Deus, partindo o pão de casa em casa, e o comendo com autêntica e singela alegria de coração, a ponto de contarem com a simpatia de todo o povo.

Isto pode ser constatado ainda em Filipenses, onde Paulo adverte a Igreja sobre os adversários de garras pontiagudas preparadas para enfrentar a Igreja e para feri-la, machucá-la: "*Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo*". (Fp 1:27)

Também Pedro, o apóstolo, diz: "*Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios*" (I Pd 2:12). Mais adiante, ele diz: "*...que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos.*" (I Pd 2:15) Ainda nesta carta de Pedro, diz: "*Ora, quem é que vos há de maltratar se fordes zelosos do que é bom? Mas ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois*". (I Pd 3:13-14).

Todos estes textos pressupõem uma publicidade silenciosa. Não aquela que se autoverbaliza, que se auto-enaltece, mas uma publicidade que fala de si mesma de maneira silenciosa, através da mímica e de gestos tão claros que se fazem fisionomia, rosto, visibilização da própria Igreja. É silenciosa, mas é a publicidade de gestos feitos à luz do dia, levando Jesus

a usar figuras bastante simbólicas, como: "*assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras*". A dignidade sobre a qual Paulo fala não é aquela que se discute, mas a que se demonstra enquanto vive. O zelo e a conduta a que se refere são atos que falam de si mesmos.

Embora a Igreja tenha uma imagem a ser preservada, ela não foi chamada para agradar o mundo. Por outro lado, ela também não foi chamada para produzir escândalos no mundo. A Igreja não foi chamada para contratar técnicos que irão implantar sensores no coração do povo para descobrir o que é que as pessoas querem ouvir, como também não foi chamada para fazer de conta que o mundo não existe e produzir toda sorte de escândalos.

É impossível agradar a todos, e quem assim o faz estará certamente desagradando a Deus, conforme dito por Jesus: "*Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas*". (Lc 6:26)

Jesus também diz: "*Ai do mundo por causa dos escândalos; mais ai do homem pelo qual vem o escândalo*". (Mt 18:7)

Esta é a tensão: de um lado, não existimos para agradar o mundo; de outro, não existimos para escandalizar o mundo. Há uma imagem que deve ser correspondente aos conteúdos do nosso compromisso com Deus e que precisa ser preservada diante do mundo, quer ele goste ou não. Se o mundo nos odeia,

que seja por causa de nossa coerência com o Evangelho. Não, ao contrário, receber ódio do mundo por causa dos escândalos que a gente pratica e que nada têm a ver com o Evangelho de Jesus.

A imagem pública de Jesus

A pergunta é: que imagem a Igreja deve buscar construir? Ora, como não poderia deixar de ser, Jesus tem que ser a nossa referência, a nossa busca de reconstrução da imagem da Igreja. São duas as razões:

Primeiramente, *nós somos cristãos porque somos de Cristo*. Se somos cristãos, a referência é Cristo, e não há nenhum outro. Não é um homem, não é um apóstolo secundário, não é um missionário fabuloso que viveu na Índia – **é Jesus a referência**.

Em segundo lugar, *nós somos evangélicos*. E, se somos evangélicos, é porque queremos viver de acordo com o Evangelho. De maneira que a referência de Jesus e do Evangelho está diante de nós. Se é assim, a grande pergunta é: como foi que Jesus trabalhou a sua própria imagem?

Antes de mais nada, eu diria que Jesus desagradou a vários grupos, especialmente os religiosos que tinham uma dificuldade enorme de conviver com a liberdade religiosa de Jesus. Desagradou também aos politicamente engajados que queriam que ele assumisse uma postura político-

ideológica partidária. Queriam usar todo o fluxo do carisma, do poder mobilizador dele para beneficiar algum projeto político ideológico. Não aceitando isto, Jesus desagradou ao grupo. Desagradou ainda aos messiânicos quase esotéricos, como os essênios, que queriam que, de alguma forma, ele fosse a realização completa dos sonhos e das expectativas deles. Mas Jesus negou-se a andar conforme o *script* daquele grupo.

Ele desagradou profundamente aos que eram tomados por imenso senso de justiça própria, deixando-os bastante inconformados ao verem os seus relacionamentos, alguns dos quais, do ponto de vista da moralidade imediata daqueles dias, muito pouco recomendáveis. Tais grupos o chamaram de toda a sorte de nomes: samaritano louco, endemoninhado: "*Ele está possesso de Belzebu, o maioral dos demônios*". (Mc 3:22)

Sabe lá o que é isso? Era como dizer: "Tem pacto com o exu-caveira". São denúncias fortes! E mais, ele foi chamado de "*glutão e bebedor de vinho*" (Mt 11:19), como se fora parceiro do Noel Rosa, do Vinícius de Moraes; freqüentador das esquinas de Vila Isabel e de Ipanema. Foi também chamado de embusteiro. Quando depois de morto foi colocado no túmulo, um determinado grupo procurou as autoridades e disse: aquele embusteiro, enquanto vivo, disse que ia ressuscitar. Põe um guarda lá, para a gente garantir que os discípulos dele não venham roubar o corpo e dizer que ele ressuscitou, e vai ser pior a emenda do que o soneto. E mais: ele também

foi chamado "*amigo de pecadores*" (Mt 11:19), amigo de prostitutas, de publicanos, de fiscal de renda, especialmente daqueles que tinham má reputação.

Ora, nesse sentido, Jesus cuidou muito pouco da sua imagem. Entretanto, mesmo tendo agradado pouco a esses grupos, agradou basicamente em dois níveis de existência, quais sejam: agradou imensamente ao Pai que, acerca do Filho, disse: *Este é o meu filho amado, em quem eu tenho todo o meu prazer*; e agradou ao povo, que vinha de todas as regiões trazendo paralíticos, cegos, possessos, lunáticos, endemoninhados, angustiados, pecadores e que eram por ele curados, libertados, salvos, e saíam dizendo: *Este verdadeiramente é o salvador do mundo.*

Vemos nos evangelhos, portanto, que até Jesus sofreu o problema de uma imagem dividida e ambivalente, socialmente falando. Para uns, a sua imagem estava tremendamente desgastada enquanto que, para outros, ela crescia em respeito e admiração. O problema da Igreja acontece quando o grupo com as características daqueles que antes odiavam Jesus começa a aplaudir a Igreja hoje; enquanto o grupo que amava a Jesus naqueles dias começa a repudiar a Igreja hoje.

Ou seja, é perigoso quando a gente vê pessoas com as mesmas posturas daqueles que, naqueles dias, repudiavam e odiavam as ações de Jesus, afinados com a Igreja hoje, e até liderando-a; enquanto aqueles que nos evangelhos eram os amigos de Jesus, e andavam com ele, agora ficam longe, não querendo

nem ouvir falar dele. Quando isso acontece é porque houve uma inversão radical de valores na Igreja, e ela não tem mais quase nada a ver com o coração do seu Senhor. E ainda, quando as pessoas dizem: *"Jesus eu quero, só não quero a Igreja"*, **é porque a Igreja virou anticristo.**

A igreja evangélica e sua imagem pública

Hoje, temos no Brasil uma situação extraordinária, como já venho mostrando neste livro. O Espírito Santo está sensibilizando as pessoas, e elas estão maduras para receber o Evangelho. A pergunta, no entanto, é: o que precisamos fazer para que a imagem da Igreja mude junto àqueles que ainda a olham com extrema suspeição, especialmente junto à classe média e aos formadores de opinião? Alguns começam a se abrir para Jesus, mas têm ainda suspeições profundas a respeito da Igreja. O choque publicitário contra a imagem da Igreja é enorme! Há uma contrapropaganda violentamente forte andando espontaneamente por aí!

Em setembro de 1994, estávamos reunidos com a diretoria nacional da AEVB, quando, ao fim da tarde, chegou um dos jornais do Rio de Janeiro, e nele, em letras garrafais, uma manchete que dizia: "Há algo de podre no reino dos evangélicos". A matéria continha duas ou três páginas a respeito de uma história horrorosa que, verdadeira ou não (só Deus

sabe), trouxe um impacto tremendamente negativo. Posso imaginar o conflito que aquilo causou na mente de milhares de leitores daquele jornal. São cerca de quinhentas mil cópias rodando por dia, possivelmente cerca de dois milhões de pessoas o lêem todos os dias. No sábado são duas páginas; na segunda-feira, mais duas com manchete de primeira página, e a história sendo contada com detalhes horripilantes.

Como disse, verdade ou não, sei que o impacto daquela contrapublicidade para o lado de fora é horrível!

Em busca de uma virada

O que fazer? O que eu, você, todos nós podemos fazer, para dar uma virada nessa imagem, em nome de Jesus?

Como já vimos, a força da Igreja está em ser "imitadora de Deus" ou em "andar assim como Jesus andou". Por isso, a nossa busca de construção de imagem passa diretamente por aqueles grandes balizamentos que Jesus usou para definir e para visibilizar a si mesmo diante dos seus contemporâneos. Ou seja, a pergunta que cabe aqui é: "Como foi que Jesus construiu a si mesmo? Como é que ele se visibilizou? Quais foram os grandes balizamentos e os grande referenciais que Jesus estabeleceu para demarcar a sua própria imagem histórica? A maneira como ele era visto e percebido é o que nos interessa aqui.

É óbvio que há uma quantidade enorme de balizamentos, mas eu quero me concentrar em cinco eixos básicos que bem demonstram como é que Jesus se via e como é que Jesus queria ser visto, como é que se projetava, como é que ele se deixava perceber.

Ele se fez amigo de pecadores

O primeiro desses balizamentos é aquele que a gente encontra em Marcos 2, versos 16 e 17:

"*Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: Por que come (e bebe) ele com os publicanos e pecadores? Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes; não vim chamar justos, e, sim, pecadores*".

Aqui são ditas algumas coisas básicas, e a primeira tem a ver com o cerne de sua missão: "Não vim", é uma expressão muito forte. É Deus, em Cristo, falando o que ele não veio fazer. Há uma agenda aqui: "Não vim chamar justos, eu vim chamar pecadores ao arrependimento". É por isso que quando eles querem chamá-lo de amigo de pecadores, ao invés de estar falando mal dele, eles estão precisamente mostrando o seu descontentamento com a missão de Jesus. Jesus ouve isso e diz: É isso que eu vim fazer. Também é muito forte o que consta no verso 16, ou seja: o que ele faz para chamar os

pecadores? Ele "come com eles". Você já imaginou isso? Para chamar pecadores, ele come com eles. Ele não chama à distância, vestido de roupa de astronauta, com "antisséptico espiritual" da cabeça aos pés, totalmente imunizado e de longe, gritando com o megafone: "pecador, mude de vida e venha ter comigo. Mas primeiro seja todo esterilizado, pois se vier com essas impiges espirituais eu não lhe aceito!" Ao contrário, ele **come com eles**. Louvado seja o nome do Senhor Jesus! Senta junto, come com essa turma.

Tal missão desagrada aos justos, mas alcança os quebrantados da sociedade; é o que diz o verso 16. As implicações disso aí são as mais variadas possíveis, e aqui cabe um testemunho pessoal.

Comecei minha vida ministerial com os doentes de almas: primeiro porque eu era um *doentaço*, que foi alcançado pela graça de Deus. Se você reconhece isso não fica muito complicado. Afinal, não dá para ser muito complicado com toda aquela consciência de carência pessoal, não acha? Assim, descomplicado, cheguei à igreja onde meu pai estava começando o pastoreio, com um grupinho de trinta e três pessoas, das quais, oito eram jovens. O presidente da mocidade gostava de beber além da conta; o organista era um homossexual assumido, perto de quem o mais estereotipado dos homossexuais é sóbrio; algumas meninas davam a impressão de não estarem muito acostumadas ao sexo oposto, dando em cima de mim logo no primeiro dia.

Tratei então de ir para a praça, pois achei que lá seria bem menos perigoso do que dentro daquela igreja (e pensar que eu buscava ali a santidade de Deus...). Na rua, comecei a evangelizar muita gente. Apresentaram-me a um *hippie* chileno, Flábio Provoste, a quem trouxe para a Igreja, e, depois, ele trouxe um outro, o Osvaldo Paranguês. Seguiram-se então alguns outros, entre os quais um *malucão* chamado Nazareno, um desarvorado, tomador de *ayahuasca* que é ácido de raízes, hoje chamado de Santo Daime. Nazareno, mesmo louco, começou a trazer outros.

Em pouco tempo, tínhamos uma legião de malucos. Pedi autorização a meu pai para colocar toda aquela gente, com fome de Deus, dentro da igreja. Meu pai concordou, e enchi o pavilhão, que ficava atrás da igreja, de maluco. Minha mãe dava o café da manhã, almoço e jantar que eu levava em um carrinho para lá, juntamente com material para que fizessem artesanatos. Enquanto furavam, pintavam, eu aproveitava para pregar o evangelho o dia inteiro. Assim, as coisas foram acontecendo: converte um aqui, converte outro ali, dando-se, dessa forma, o meu começo. Durante alguns anos estive no meio desse pessoal. Depois continuei pregando para todo o lado: sindicato, Associação dos Ecólogos Bêbados do Amazonas, que se reuniam aos sábados no coreto de uma praça. Várias foram as vezes em que me convidaram a pregar para eles, e eu comparecia, com muita alegria.

De um dia para o outro, eu comecei a ficar

conhecido, e as coisas mudaram: viagens para todo lado; pregações em estádios. Isto faz de nós uns extraterrenos. De repente, eu me percebi, em 1986, uma pessoa que não era mais eu. Comecei a me questionar: "meu Deus, o que é que está acontecendo comigo"? Era só congresso de pastores, reflexão teológica, reunião de pensadores cristãos, e nada mais de gente desgraçada, de gente perdida...

Para que vim afinal? Certamente não teria mais nada a ver com aquilo pelo qual Jesus veio; o meu público virou um outro. Eu agora só andava com os "sãos" e não mais com os "doentes".

Comecei a me perceber distante e sem diálogo com os jovens. Dono de uma linguagem sofisticada, fui ficando cheio de formalidades, com aquela construção verbal maravilhosa, toda concatenada...Tudo muito bonitinho, até que, um dia, estando com um diácono da igreja que eu pastoreava em Niterói (eu a pastoreei até 84 , deixando-a por causa da demanda da Vinde, que era muito grande), ele disse: "Puxa pastor, você fala tão certo, tão certo, que me inibe. Não gosto de conversar contigo, pois posso cometer uns errozinhos de português de vez em quando, misturar tu com você, etc. Tente chegar mais perto". Ele era do tipo meio ecológico, e eu fui embora para casa pensando no que me havia dito.

Em 1986, em Amsterdã, num Congresso de evangelistas, passei por um momento de profunda crise pessoal, me perguntando se o que eu estava fazendo era aquilo para o que Deus me chamara. Comecei a ver que não.

Em 1988, passei quase dois anos com a família nos Estados Unidos. Durante aquele período Deus falou intensamente comigo, e quando voltei de lá, decidi que não havia mais nada que eu quisesse fazer a não ser voltar a fazer aquilo que eu havia começado. Ainda que haja todo esse aparato envolvendo muitas das coisas que faço, agradeço a Deus por ter-me aproximado outra vez dos doentes desse mundo. Nesse sentido devo dizer que Bangu 1, Vigário Geral e a Fábrica de Esperança, em Acari, me levaram de volta ao meu *gênesis* existencial.

Bangu 1, por exemplo, que é uma experiência que começou há um ano, talvez esteja sendo a mais rica da minha vida. Quando chego lá, vejo aqueles que são considerados os monstros da sociedade, os bichos, mas que alguns deles, agora estão com olhos brilhantes, como se estivessem vendo Jesus atrás da grade, esperando a porta abrir para ele entrar, através de mim.

Lá está **Escadinha** que põe a cabeça no meu ombro e chora, o **Japonês** que me abraça afetuosamente, e a gente pode perceber aqueles chamados bichos sendo revelados em humanidade diante de nós, por ação do Espírito Santo. E o que dizer de **Eucanã**? Este era considerado irrecuperável! Durante algum tempo deixei de visitar sua galeria e, certo dia, avisei que iria vê-los. Por alguma razão precisei viajar, subitamente. Enviei-lhe, então, uma Bíblia com uma dedicatória através do pastor Marcos Batista, que tem feito a capelania da AEVB naquele presídio. Pastor Marcos foi saudado por Eucanã com

toda sorte de reclamações: "Pastor Caio esqueceu de mim". Aquele homem enorme gritava, esbravejava (e o pastor Marcos, com a Bíblia na mão, aguardava), até que, de repente, o pastor, usando da linguagem deles mesmos falou: "Abafa o papo Eucanã, abafa o papo. O Pr. Caio teve que viajar de última hora, mas olha aqui o que ele mandou para ti"! Eucanã começou a ler e logo caiu num pranto convulsivo e disse: "Eu não posso acreditar que ele tenha se lembrado de que eu existo; tenha ocupado o tempo para pensar que Eucanã existe!"

E aquela *montanha* caiu ali, chorando...

O que Jesus era senão amigo de pecadores e todos esses doentes, esses bichos? E o que acontece com os "justos"? Estes ficam irritados. É comum ouvir alguém dizendo: "Este pastor está pensando o quê? Ele está querendo é fazer de conta que esse pessoal se converteu, para facilitar a vida deles." E outras tantas coisas mais.

Recentemente, fui convidado pela esposa do governador do Rio de Janeiro, Dr. Nilo Batista, e a subsecretária de Justiça para visitar uma prisão-modelo em Magé. Trata-se de uma prisão sem paredes, mas de onde não há fugas. Lá chegando, percebi que a subsecretária de Justiça começou a me tratar o tempo todo como se nós fôssemos muito amigos, embora eu não me lembrasse dela.

Diante de todo o coletivo que lá se reunia, ela tomou a palavra: "Eu pedi para que todos se

reunissem aqui, porque eu tenho ouvido o reverendo Caio pregar em solenidades no Palácio, em alguns outros tantos lugares, e eu descobri que apesar dele ser um reverendo, ele gosta de gente defeituosa, gente como eu, gente como vocês. Ele prega um Deus que gosta de gente estragada. Ele fala de um Deus que se importa com gente que ninguém gosta, e foi por isso que eu o chamei para vir pregar".

Sem saber que iria pregar, pois havia sido convidado apenas para uma visita, aproveitei aqueles minutos em que ela fazia aquela apresentação, e chorei diante de Deus: "Meu Deus, pelo amor do teu nome eu te peço, nunca mais deixe que qualquer coisa entre no meu caminho e que me faça ser amigo só dos cheirosos, dos bonitinhos e *mauricinhos* deste mundo, mas me ajude a manter o canal aberto para ser também amigo de pecadores".

Ele é o aliviador das cargas humanas

O segundo balizamento que Jesus nos oferece pode ser visto no ato de sua autodescrição, quando ele diz quem ele é e como é que ele quer ser percebido. Isto aparece em Mateus, no capítulo 11, versos de 28 a 30:

"*Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e*

humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve."

Assim ele é, assim ele quer ser visto e é assim que ele quer que o seu Corpo, a Igreja, mostre sua cara para o mundo hoje. Nesta passagem, encontramos três características presentes nele, e que ele quer que componham a cara de todos os que são reprodutores do amor de Deus no mundo.

Primeiro: **ele alivia indistintamente os sobrecarregados.** Ou seja, ele não põe mais carga onde já há carga. Veja a beleza do verso 28, quando ele diz: "*Vinde a mim*" não alguns cansados e sobrecarregados, mas "*vinde a mim todos os cansados e sobrecarregados*". Isso é de uma inclusividade radicalmente chocante: se você está cansado, sobrecarregado, não importa quem seja, venha a mim.

Segundo: **ele não substitui um jugo por um outro peso igual** (versos 29 e 30): venham, eu vou tirar esse peso que os esmaga e eu vou colocar sobre vocês o meu jugo suave, e o meu fardo que é leve, "*Ora...*", disse o apóstolo João, "*...os seus mandamentos não são penosos*". (1 Jo 5:3)

É irônico o que aconteceu a Gregório, o Gordo. Ele estava em Bangu I e foi transferido para uma prisão no centro da cidade do Rio, a Milton Dias Moreira. Ele se converteu com a gente lá, na Capelania de Bangu I. Converteu-se assim, *alegrão* e

descontraído. Ao chegar ao Milton Dias Moreira, deparou-se com uma congregação de crentes diferentes. Já não podia mais usar camiseta (o modelo era o da camisa de mangas compridas e gola fechada), na congregação também era proibido o uso de sandália; *shorts* nem pensar; e, ainda, nada de prática esportiva e cultural. Gregório pediu socorro a mim: "Reverendo, já basta estar preso, e eu ainda vou cair nesta outra prisão? Que negócio é esse, reverendo? É assim mesmo?" Ao que respondi: "Não, meu irmão, não é assim não. Tem muita gente que gosta de viver presa mesmo, mas o Senhor veio para nos libertar de todas as prisões, e ele não substituiu um jugo por outro igual, pois o jugo dele é suave, o fardo é leve. Tenha paciência pois, devagar, a gente muda isso".

Esse fato ilustra muito bem o meu ponto. Há muita gente se convertendo na expectativa de que o jugo será leve e encontra toneladas de pequenas e humanas obrigações para cumprir. Essa é uma cara deformada que a igreja legalista oferece a Jesus no mundo e que tem que ser sarada.

Terceiro: **ele trata com humildade, mansidão e é por isso que ele cura o coração.** Aliás, ele só cura porque ele é como ele é: *manso e humilde de coração*. Se ele não fosse manso, fosse duro; se não fosse humilde, mas altivo ninguém acharia descanso nele; era pancada o tempo todo! Se hoje eu encontro descanso para minha alma e minhas contradições é porque eu estou relacionado a um Deus humilde e manso.

A igreja triunfalista é empolgante, mas não é terapêutica. Se você está em um lugar onde a igreja não é nem mansa nem humilde de coração, pode ser extremamente empolgante e excitante, mas eu lhe digo que não é um lugar de terapia para a alma, porque terapia para o coração só acontece quando a gente encontra essa versão de Jesus, que é manso e humilde de coração.

Ele é maior do que a religião

O terceiro balizamento para a imagem pública da Igreja, conforme Jesus, vem de Mateus, capítulo 12, do verso 1 ao verso 8, quando os discípulos de Jesus entraram em searas e foram vistos pelos fariseus pegando espigas e comendo. Estes disseram a Jesus:

"Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi, quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na casa de Deus e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele, nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: Aqui está quem é maior que o templo. Mas se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado a inocentes. Porque o Filho do homem é senhor do sábado."

Neste terceiro balizamento, Jesus diz que ele se fez maior que a religião. Os quatro princípios aqui contidos são de tal maneira fortes, que se faz necessário que se os guarde.

1- A necessidade humana é mais importante do que as regulamentações religiosas. Lembremo-nos de Davi e dos sacerdotes que, para matar a fome, transgrediram as leis cerimoniais. As leis cerimoniais da religião são menos importantes que a necessidade humana. A necessidade humana não relativiza as leis morais, mas relativiza as leis cerimoniais. O legalismo religioso é ridículo quando confrontado com a necessidade humana.

2 - As regulamentações religiosas estão a serviço da vida humana. Em referência ao nosso texto de Mt 12:1-8, o evangelho de Marcos diz o seguinte:

"*O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado*". (Mc 2:27)

Os fariseus estavam indignados com a invasão dos campos de trigo pelos discípulos de Jesus e pela maneira duplamente irreverente desse ato, pois o episódio se dera num sábado, dia do descanso. Mas Jesus vem e diz: o sábado não precisa de descanso. Os homens sim. Mas não dá para dormir com fome. Eles têm que encher o estômago antes de descansar. Só faz *ciesta* quem já comeu. Só os abastados podem

programar seus sábados. Os famintos não têm *fim de semana*. Portanto, eles estão apenas se utilizando do dia do descanso para nele resolver um problema mais sério: a fome! Depois de saciados, eles descansarão.

3 - A única coisa que faz a vida de fé ser digna de Jesus é a misericórdia. Mt 12:7 diz: "*Mas se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado a inocentes*".

Aqui Jesus diz que os fariseus preferiam ver o sacrifício dos famintos a olhar para eles com misericórdia, matando-lhes a fome que os matava.

O eco desse ensino de Jesus reverbera em Paulo:

"*Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará.*

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a

verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque em parte conhecemos, e em parte profetizamos.

Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.

Porque agora vemos como um espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três: porém o maior destes é o amor". (I Co 13:1 a 13)

O que passar disso é mero dogmatismo estúpido, que não agrada a Deus nem abençoa o próximo.

4 - Somos convidados a uma vida que extrapola os limites do religioso. O que extrapola vai para além do pólo limitante: "*Eis aqui quem é maior que o templo*". (Mt 12:6)

A beleza dessa passagem faz-me lembrar o capítulo 21 de Apocalipse, onde João descreve a Nova Jerusalém com portas abertas para todos os lados; a praça de ouro maciço transparente; o Rio da Vida que a corta ao meio; a Árvore da Vida nela está plantada. E, no verso 22, diz que nela não viu santuário, porque o Cordeiro é a sua luz. Que maravilha pensar que se vai morar em um lugar sem santuários, sem religiões. Nós não fomos chamados para viver de religião. Fomos chamados para viver da luz de Deus, em praça pública, iluminados pela Graça. Aqui está quem não cabe no templo: não tente me enfiar no templo porque eu não caibo nele, eu sou maior do que o templo, é o que Jesus está dizendo.

Tive grande surpresa quando chegou-me às mãos um livro intitulado *Cidade Partida*, escrito por Zuenir Ventura, o mesmo jornalista do "Jornal do Brasil" que escreveu *1968, o ano que não terminou*. Ele analisa fenômenos de morte, vida e reconciliação no Rio de Janeiro. Impressionou-me o fato de encontrar muitas páginas do livro com referências a mim, e eu pensei: que coisa! eu não sabia que ele estava prestando atenção nas nossas caminhadas por Vigário Geral e Acari!

Conheci-o em Vigário Geral e andamos pela favela algumas vezes. Mais tarde, foi na Fábrica de Esperança, e ainda em encontros do movimento Viva Rio que motivaram muitas outras conversas sem formalidades. Um dia, ele me telefonou: "Olha, eu estou escrevendo um livro, você se importaria se eu relatasse o seu testemunho?"

Respondi que não e ele foi logo querendo saber como foi que Jesus entrou em minha vida. Gravamos a entrevista pelo telefone, e eu contei a história todinha, falei de Jesus, do diabo, e de tudo a que tinha direito. No final, pensei: "vamos ver se o Zuenir engole esse negócio". Para surpresa minha, está tudo lá. Além do que foi dito por mim, há algumas revelações interessantes. Ele diz que no convívio, no relacionamento comigo, uma coisa que ficou forte para ele foi a percepção de que eu estava lidando com Deus de uma maneira tão natural, como se Deus não tivesse mais nada a fazer no Universo a não ser andar comigo pelas ruas da cidade. E eu pensei: louvado seja o nome do Senhor Jesus, porque tudo que eu quero passar é isso. É que esse Deus está solto pelas ruas da cidade, ao alcance da boca, da mão, da fala, da oração, está ali, é vida, é suor, está dentro de ti, é unção que não vai contigo só para o púlpito, vai contigo até para o banheiro, atravessa a rua contigo, tu te abraças com ela, tu a cheiras, tu beijas com ela, tu vives com ela, é vida!

Uma outra experiência gostosa neste nível veio através de um repórter do jornal "O Globo". Ele chegou na Fábrica de Esperança querendo fazer entrevista comigo. Queria saber sobre as causas da violência na cidade.

"Quais as fontes da violência? E por quê?"

Depois de muita conversa, virou-se para mim e disse: "Foi interessante, você não falou ainda de religião nessa conversa, mas isso tudo está cheio de

Deus. De onde é que vem isso?"

Falei: "Olha, eu vou morar numa cidade sem santuário". Eu citei o texto de Apocalipse para ele. O homem ficou quebrantado. Então, falou: "Onde é que está escrito isso?"

Eu falei: "Na Bíblia, em Apocalipse: É a luz do Cordeiro, é isso que eu quero, a luz do Cordeiro".

Aí ele fechou o caderno dele e disse: "Então vamos parar a entrevista, me fala dele?"

Depois de mais conversas, acabei por orar por ele, que, emocionado, disse: "Que coisa gostosa isso, não dá medo chegar perto dele assim, não é?"

Eu falei: "Não, ele é atraentemente irresistível. Louvado seja o nome do Senhor Jesus!"

Quando minha secretária comunicou-me, um dia, que o organizador das festas e dos embalos do "Scala" do Rio de Janeiro queria conversar comigo, pensei: "Ai meu Deus, o negócio está ficando feio aqui. O que será que ele quer comigo?" Ela informou-me que ele só queria um papo. Lá chegando (o homem falava com três telefones celulares ao mesmo tempo, agitadíssimo), perguntei: "Em que posso ser útil a você?"

— Tenho ouvido falar dessas obras sociais que o senhor está fazendo. Não que eu seja generoso, nada de generosidade, mas ainda tem uns rasguinhos de

humanidade aqui dentro, e eu queria saber o que é que eu poderia fazer por isso? Por exemplo, eu represento a "Brahma", será que existe alguma coisa que a "Brahma" pode fazer pelo senhor?

Respondi que a Brahma Chopp não, pois eu seria excomungado, se recebesse ajuda dela.

— E os refrigerantes "Brahma"?

— Com os refrigerantes "Brahma" não haveria problema.

Traçamos então um plano de ação. Em alguns meses, uma parceria dos refrigerantes "Brahma" e "Fábrica de Esperança" foi concretizada.

O programa de televisão "Pare & Pense" passou a receber também uma ajuda assídua deles, o que nos tem sido de grande valia, graças a Deus.

Vale relatar uma experiência interessantíssima que se deu no meu escritório naquele primeiro encontro com ele. Antes de sair, ele notou a presença de uma caixa preta, com areia no fundo, cercada de espelhos e cinco pães de barro deitados sobre a areia. É uma obra de arte que tenho num dos cantos da sala. Perguntou-me do que se tratava, e expliquei que era o milagre da multiplicação dos pães. Curioso, pediu-me maiores explicações. Eu disse: "Você não está entendendo porque não está em posição de ver milagre. Milagre a gente não vê em pé. Milagre a gente só vê de joelho, com a cara no chão, com a

boca no pó".

"E como é isso?", perguntou.

Pedi que ajoelhasse e pusesse o rosto no chão.

"Agora", falei, "vem levantando o rosto bem devagarinho, bem devagarinho, quando chegar na beiradinha, aqueles pães que você vê nos espelhos se transformarão em centenas de milhares de pães em reflexo, um atrás do outro".

Os olhos dele foram se enchendo de lágrimas. Aí, ele levantou: "Ai meu Deus que lição: milagre a gente só vê com a cara no chão". Eu falei: "É, se colocar a cara no chão; vai ver milagre".

Orei com ele após ele me haver explicado que, Jesus, ele até queria; só tinha medo mesmo era de igreja. Fiz-lhe saber que não havia o menor problema **porque eu era evangélico, mas Deus não era**. Ficou muito impressionado com o que ele considerou "uma grande sacada" e prometeu que haveria de levar ao meu escritório um amigo seu que era diretor da Brahma.

Achei que era brincadeira dele, mas, naquela mesma tarde, contatou minha secretária marcando um encontro para dois dias depois.

Chegando, e, depois de alguma conversa, ele explicou para o outro que aquela caixa preta representava a multiplicação dos pães. Explicou-lhe

ainda que ele não estava em posição de ver, e, se quisesse, teria que pôr a cara no chão. Repetindo tudo o que eu lhe havia ensinado, fez o homem seguir os mesmos passos, que, ao término, teve também os olhos cheios de lágrimas: "Meu Deus!", exclamou.

Depois que se levantou, convidei-o a orar. Abracei os dois e orei. Saindo, com um livro meu na mão, falou: "Reverendo, vou mandar fazer uma caixa dessa e vou botar no meu escritório. Todo mundo vai ter que aprender essa: milagre, só com a cara no chão".

Quando, uma semana depois, visitei-o em seu escritório, ele disse que havia passado um dever de casa: "Todo departamento é obrigado a ler o livro 'Quando a Vida é uma Bobagem', e responder o questionário que está no fim dele. Quem não ler o livro não vai receber ponto no departamento".

Cabe agora uma pergunta: é esse o pessoal que não quer nada com Deus? Eles não querem nada é com essa cara de igreja que a gente colocou do lado de fora. Quando a gente apresentar um Jesus que é maior que a religião, que é fascinante, que invade a vida, que enche de paixão o coração, aí eu quero dizer a você: não há quem segure! Gosto de uma coisa dita pelo pastor Ezequiel Teixeira: "O negócio é botar o bloco na rua", mostrando logo **Um** que é maior que a religião.

Ele acreditou em quem não acreditava em si mesmo

Em Mateus 12:15 a 21 outra vez Jesus é definido. As características, a imagem, a publicidade dele é feita aqui:

"*Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que não o expusessem à publicidade para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías: Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo. E no seu nome esperarão os gentios.*"

Em primeiro lugar, **ele não humilha em praça pública**. Diz o verso 19 que ele não põe o dedo na cara de ninguém em praça pública. Não faz gritaria sobre o fracasso humano em praça pública. Compare isso com os processos disciplinares de muitas igrejas. Há alguma semelhança com a descrição aqui feita?

Em segundo lugar, **não rasga o que está rachado pelo vendaval da vida**, diz o verso 20. E a imagem é de uma grande tempestade num canavial, e a cana se quebra. Olha, se a cana já está quebrada, ele não vai e quebra mais ainda; ele veio ao mundo para consertar as canas quebradas.

Em terceiro lugar, **não apaga a chama que está para se extinguir**. Diz o verso 20 que ele também não apaga a torcida que fumega. Aquele fiapinho último de luz na lamparina, ele não apaga. A última brasinha ele não apaga, ele não diz: ah, é só uma brasinha! Não, ele sopra, a fim de a reacender. O verso 21 diz que por isso é que ele é a esperança das sociedades pagãs: "*Nele esperarão os gentios*". Aleluia!

Há algumas semanas, o pastor Marcos Batista, capelão da AEVB, e eu estávamos em uma galeria de Bangu 1 e contávamos com 11 presos para o culto. Apenas um não havia comparecido, um novo, recém-chegado àquela galeria. Quando eu ia saindo, eu o vi — aquele grandalhão de peito grande, moreno ruivo, de apelido **Russão**. Encostado num canto, me olhava. Aproximei-me dele, e falei: "Amigo, todos os outros vieram para orarmos juntos, só você não veio. Por quê?" Olhando-me, respondeu: "Vou-lhe dizer uma coisa, eu respeito muito o senhor para fazer uma safadeza dessa com o senhor". Perguntei a que se referia, e ele disse: "De ir ao seu culto. Respeito muito o senhor para lhe enganar". Eu quis saber como estaria me enganando. "Eu vou ser franco com o senhor: eu não acredito em Deus."

Ouvi e respondi: "Não faz mal, ele acredita em você". Abalado, ele perguntou: "O quê?"

Esclareci: "Deus está acostumado a acreditar em gente que não acredita nele. Quem foi que acreditou nele antes de Deus ter acreditado nessa

pessoa? Ele é Deus, tudo mais que ele fez, fez porque acreditou. *Haja luz*, acreditou na luz. Haja passarinho, bem-te-vi, acreditou em bem-te-vi. Haja homem, acreditou no homem. Foi ele quem tomou a iniciativa. Ele está acostumado a não ser crido. Então, se você não acredita nele, não faz mal, vem, porque ele acredita em você de tal maneira que deu seu filho unigênito por você. E ele morreu por nós, quando éramos ainda pecadores, e hoje eu o amo porque um dia ele me amou primeiro. Ele está nesse negócio de crer em quem não crê nele há muito tempo. Vem, ele adora ateu honesto. Ele não gosta é de religioso safado, *casca-grossa*, hipócrita. Ele está à procura de ateu honesto; esse pessoal vira adorador da noite para o dia, se esparrama de amor por ele fácil, fácil. Então, vem". Fui embora. Ele não deixou mais de ir ao culto.

Um mês depois ele me pediu oração. Disse que queria se converter. Entrou direitinho na de Jesus, porque Jesus acredita em quem não acredita em si mesmo e nem em Deus.

Outro dia, ouvi a história de um homem que recebia o sopão da Vinde, toda noite, no centro da cidade de Niterói.

O pessoal estava servindo a sopa no ônibus, quando entrou aquele homem com uma camisa na mão, lágrima nos olhos e aplaudindo o pessoal, sozinho. As pessoas pararam, olharam e ele disse: "Eu vim aqui pra pedir pra vocês não pararem de fazer isto. Sabem quem sou eu? Eu era um mendigo de rua; vocês iam lá toda noite. Às vezes me

acordavam pra me dar um prato de sopa, pra me cobrir. E o amor de vocês foi ficando tão constrangedor, que eu pensei: Se esse pessoal sai de casa para vir aqui me dar comida, por que eu não amo a mim mesmo? Se são capazes de gostar de mim, por que eu não gosto de mim? E aquela coisa cresceu tão grande dentro de mim que eu tomei um banho e fui procurar um emprego. Estou empregado e aluguei meu quartinho. Estou procurando vocês há noites, noites e noites pra dizer: olha a camisa que vocês me deram; vou guardar pelo resto da minha vida, para me lembrar que alguém me amou quando eu não me amava". Louvado seja o nome do Senhor!

A Igreja tem de botar para o lado de fora essa cara de Jesus que acredita em quem não acredita mais em si mesmo. Eu sempre fico me lembrando daquela gruta de Adulão, de Davi. Quando ele fugia de Saul, se refugiou numa gruta e para lá foram todos os endividados, os angustiados de espírito, os perseguidos pela justiça e se transformaram num exército de elite, ganharam a finalidade para a vida e se tornaram os homens mais especiais do rei Davi. Com Jesus não pode ser diferente. A Igreja tem que ser uma fantástica gruta de Adulão.

Ele praticou o marketing da verdade interior

Ele ensinou que o verdadeiro marketing não é o da fachada, mas o do coração. Perguntaram a ele os

fariseus: "*por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem*". (Mt 15:2)

Ele, porém, lhes respondeu: "*Hipócritas! bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. E tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouvi e entendei: Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem*". (Mt 15:7 a 11)

Então, eles disseram: Mestre, não sabes que a tua palavra escandalizou os fariseus?

"*Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os: são cegos, guias de cegos. Ora se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco. Então lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola. Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre, e depois é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca, vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos, não o contamina*". (Mt 15:13 a 20)

Aqui, nesta porção da palavra de Deus, Jesus

se insurge contra a *montagem*, contra a cenografia religiosa vazia. Ele diz: esse pessoal me adora com os lábios, mas Deus sabe onde o coração deles está enquanto estão cantando. Você já viu este filme antes? Me adoram com os lábios, mas o coração está longe, longe, de mim.

Jesus faz uma convocação ao exame do coração, afirmando que o coração sempre acaba derramando aquilo do que está cheio. O coração sempre *ricupera* de alguma maneira. O ministro Ricúpero, coitado, estava tão cheio, tão *henriquecido*, tão *globalizado*, tão *monfortizado*, estava tão cheio de alegria de servir ao *FHC* que não agüentou e abriu a boca, porque *a boca fala do que está cheio o coração*. A desgraça dele é que estava sendo *parabolizado*. Mas este é um princípio que acontece sempre. Se estiver no coração, vai sair pela boca: é questão de tempo!

Por isso é que Jesus ensinou que o verdadeiro marketing não é o da fachada, mas o do coração, porque mais cedo ou mais tarde a coisa vaza. Encha o coração que um dia isso aparece. Não pinte a fachada e deixe o coração sujo, porque um dia vai haver escândalo e escândalo é isso: a fachada é uma coisa e o interior é outra. Nunca há escândalo quando o coração é mais bonito que a fachada.

O marketing tipo *showcase* tem vida curta. Até mesmo o marketing da bondade é assim. Não é questão de aparentar misericórdia, tem que ser misericordioso. Fico pensando no escândalo do

orçamento. Você pode imaginar coisa mais irônica do que este escândalo? A maior parte da roubalheira era feita em nome de criança, de velhinha, de doente. Entidades montadas, fantasmas, em nome da misericórdia, do amor, da solidariedade; com estatutos maravilhosos, para *chupar* dinheiro do Governo em nome do amor fraterno. Isso é um *showcase*. Você prepara o espetáculo, monta o palco, para fazer de conta que isso é a fim de faturar em outras áreas. Não adianta falar de misericórdia, tem que ser misericordioso, senão vai haver escândalo, é questão de tempo.

Gestos cheios de amor têm a força de uma bomba. Como Araci, uma senhora da Assembléia de Deus em Niterói. Há uns dez anos, ela e o marido ficaram sem conseguir ver mendigo na rua sem levar para casa. Hoje, moram na casa deles mais de 200 e já passaram por lá, em recuperação, alguns milhares. Outro dia perguntei ao seu filho: "Escuta, Lucas, como é morar numa casa cheia de mendigos? Você não fica assim meio sem graça; é mendigo pra lá e pra cá." Ele falou: "Olha, reverendo, nunca pensei nisso não, porque eu era tão pequeno quando eles chegaram lá que eu só sei viver em casa com mendigo. Para mim, casa normal é cheia de mendigo". Milhares já se recuperaram e mais de 200 moram ali, na casa daquela mulher pobre. Essa é uma *barnabéia*: boa, cheia do Espírito Santo, e de fé. (Atos 11:24)

Bety é uma outra senhora pobre, de Pendotiba, que por ter sido, ela mesma, menina de rua, colocou em seu coração que jamais deixaria criança na rua.

Enquanto pudesse, haveria de levá-las para sua casa. Hoje, existem cerca de 80 morando na casa dela. São gestos simples.

A Madre Tereza de Calcutá, de quem o mundo inteiro fala, tem uma estrutura pequenina. Não tem um aparato, mil computadores, não tem nada além de um coração maior do que ela. Acorda de madrugada, faz oração até 5 da manhã e vai cuidar de doentes e pobres o resto do dia. Ela se tornou mais importante para o mundo secular do que o Papa.

Conduindo:

– a Igreja tem que ser conhecida como amiga de pecadores, enquanto ela odeia o pecado. Não é conivente com o pecado, mas é amiga de pecadores;

– a Igreja precisa ser conhecida como aliviadora das cargas humanas, não como sobrecarregadora de infelicidades humanas;

– a Igreja precisa ser vista como a comunidade que vive Deus de maneira maior que a religião;

– a Igreja precisa acreditar em quem não acredita mais em si mesmo.

– a Igreja tem que saber que a melhor imagem que ela tem vem de dentro dela, do coração. Quando isso acontece, ela cala a boca dos ignorantes e força os homens a olharem perplexos para o céu a fim de glorificarem a nosso Pai que está nos céus.

Aqui estão os desafios: o primeiro é o de que você se ofereça para viver assim; o segundo é o de que você se disponha a edificar igrejas que tenham esta cara, e o terceiro é o de que você termine esta leitura com vontade de repensar seu ministério à luz destes balizamentos que deram forma à imagem pública de Jesus.

"*Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério*". (Heb 13:13)



O PODER E A PRESENÇA DE DEUS

No primeiro capítulo, nós fizemos uma análise do movimento evangélico no Brasil, percebemos alguns aspectos e chegamos a algumas constatações em relação ao que tem acontecido não só no nosso país, mas também em muitos outros lugares que vivem situações semelhantes. No segundo, nós falamos sobre a necessidade que temos de emprestar carisma aos evangélicos éticos e caráter aos evangélicos carismáticos. No terceiro, nós desafiamos o crescimento numérico da Igreja a ser acompanhado de conhecimento da Palavra e de discipulado.

Já, no quarto capítulo, abordamos a necessidade de a Igreja rever a si mesma, questionando a natureza dos seus conteúdos porque, ou não estamos conseguindo botar para o lado de fora a imagem daquilo que realmente somos, ou então, o que nós somos não é bonito e em nada parecido com Jesus, vindo daí uma pergunta: somos evangélicos por causa do evangelho ou somos evangélicos por causa de uma cultura religiosa evangélica que nem sempre é coerente com o evangelho? Vimos também cinco balizamentos

da imagem pública de Jesus.

Agora, neste capítulo, eu gostaria de explorar um pouco a necessidade que temos de andar no poder e na presença de Deus. Para isto, gostaria de me basear no livro de Êxodo capítulo 33, cujo texto começa com um fato muito interessante:

"Disse o Senhor a Moisés: Vai sobe daqui tu e teu povo que tiraste da terra do Egito para a terra a respeito da qual eu jurei a Abraão, a Isaque e a Jacó dizendo: À tua descendência a darei.

***Enviarei o Anjo diante de ti**; lançarei fora os cananeus, os amorreus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus.*

*.Sobe para uma terra que mana leite e mel; **eu não subirei no meio de ti**, porque és povo de dura cerviz, para que não te consuma eu no caminho.*

Ouvindo o povo estas más notícias pôs-se a prantear e nenhum deles vestiu seus atavios". (Êx 33:1-4)

Normalmente, pensamos que o poder espiritual está ligado à manifestação da presença de Deus. Mas, segundo o que me parece estudando o texto deste capítulo, estas duas coisas nem sempre parecem se complementar e nem sempre se manifestam ligadas. Este texto , que é lindo, forte e pinta um quadro de um Deus presente e poderosamente ativo, tem no seu contexto aquele episódio do bezerro de ouro. Moisés

tinha subido ao monte para estar com Deus e, durante este tempo, considerado pelos que o aguardavam no vale como sendo demasiadamente longo, os hebreus pediram a Arão que lhes fabricasse um deus que pudesse ir adiante deles. Arão, encurralado e fraco diante das pressões, sem conseguir chamar o povo à razão e ao equilíbrio espiritual, reúne todos os objetos de ouro da congregação e deles constrói o bezerro de ouro.

A ira de Deus se acende contra os idólatras ainda mais porque não se tratava apenas do pecado da idolatria, mas o povo se entregou à orgia. Estavam num carnaval, segundo o capítulo 32 verso 25 .O texto em hebraico diz que eles estavam literalmente nus, ou seja, o pessoal tirou a roupa e *soltou a franga*. Diante disto vem a intercessão de Moisés que pede ao Senhor misericórdia, pois sente que a ira divina era presente, o rosto de Deus ficara vermelho. Moisés, assim, começa a interceder a favor daquele povo ingrato e desobediente. Da boca de Moisés saem palavras de profunda intercessão:

"Agora, pois perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste". (Êx 32:32)
Ao que o Senhor respondeu:

"Riscarei do meu livro o nome de todo aquele que pecar contra mim". (Êx 32:33)

Depois disto, o verso 34, do capítulo 32, conclui com uma promessa de sobrevivência àquele povo quando Deus diz:

" Vai, pois, agora, e conduze o povo para onde te disse: eis que meu Anjo vai adiante de ti; porém no dia da visitação vingarei neles o seu pecado. "

É interessante o que podemos perceber na seqüência dos acontecimentos. Vemos Deus dizendo a Moisés que vai cumprir a sua palavra e, inclusive, mandar o seu anjo adiante deles e lhes garantir a vitória sobre os inimigos. Todavia, ele, Deus, não irá com eles. É isto que me chama atenção: Deus está esclarecendo uma verdade tremenda – eu não vou, mas meu anjo vai.

A partir daí, nós podemos aprender algumas coisas fundamentais em relação a nossa maturidade e consciência espiritual. Que lições são essas? **São o entendimento da diferença entre poder de Deus e presença de Deus**

A grande diferenciação entre a manifestação do poder de Deus e da presença de Deus é que estas duas coisas nem sempre são coincidentes, de acordo com o texto que estamos estudando neste capítulo. Ou seja, significa que nem sempre a manifestação do poder de Deus traz consigo a presença de Deus.

Para entendermos a diferença entre estas duas situações, precisamos discernir as origens, os objetivos e as conseqüências das manifestações do poder e da presença de Deus.

Discernindo a manifestação do poder de Deus

A manifestação deste Deus poderoso, que intervém extraordinariamente, tem a ver com duas coisas específicas:

1. A fidelidade de Deus em relação ao cumprimento da sua palavra.

"Disse o Senhor a Moisés: Vai, sobe daqui, tu e o povo que tiraste da terra do Egito para a terra qual jurei a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: À tua descendência a darei." (Êx 33:1)

Enviarei um anjo diante de ti para destruir os inimigos todos. Eu vou cumprir a minha palavra porque Eu sou o Senhor. Esta é a primeira percepção que precisamos ter. O poder de Deus se manifesta por causa da fidelidade exclusiva de Deus, eu jurei e vou cumprir a minha palavra apesar destes que são os intermediários no meio do caminho. Parece que esta é a grande surpresa para aquele grupo de Mateus 7:21-24: Mas, Senhor, em teu nome expelimos demônios, operamos milagres, como é que o Senhor agora está dizendo que nunca nos conheceu ,esta mandando que nós nos apartemos de Ti.

Aqueles aqui mencionados estavam esquecidos que a manifestação do poder de Deus tinha a ver exclusivamente com a fidelidade radical de Deus para com a sua palavra, para com o seu nome e para com

a necessidade do necessitado. O que este texto diz é que o poder de Deus se manifesta contra a desgraça através de uma profecia que traz esperança; se manifesta contra a doença, por isso vem sobre nós e presenciamos curas e milagres; se manifesta contra demônios que são amarrados e exorcizados em nome de Jesus. Talvez isto esteja confuso na sua mente, talvez seja difícil para você entender que a mesma pessoa que orou por um canceroso e ele ficou curado um dia vá ouvir de Jesus: "nunca vos conheci." Não fique confuso, não se engane, porque o que opera o milagre e que cura o doente não é aquele que ora impondo as mãos, mas o Todo-Poderoso.

No texto anterior, vemos claramente que Deus estava dando a terra prometida não exatamente àquele povo, mas a Abraão, Isaque e Jacó. Deus estava cumprindo com sua promessa.

2. A manifestação do poder de Deus tem objetivos divinos.

A segunda percepção que devemos ter sobre a manifestação do poder de Deus é que esta tem relação, não apenas com as pessoas que se utilizam deste poder e que invocam o nome de Jesus, mas também contra aqueles que são objetos da manifestação deste poder (Êxodo 33:2). A manifestação do poder de Deus tem objetivos divinos como a disciplina e o aprendizado.

Primeiro, Deus diz que vai cumprir sua promessa e, para garantir a vitória, está mandando o seu Anjo.

Em segundo lugar, Deus está dizendo: eu vou manifestar o meu poder contra os seus inimigos, porque aquele povo que eu vou expulsar é pior do que vocês. São os heveus, os amorreus, os heteus e os jebuseus. Esse pessoal da terra de Canaã, cuja medida de iniqüidade já extrapolou, já transbordou. Vocês são ruins, mas eles são piores, e por isso eu vou usar vocês para destruí-los; não porque eu esteja contente com vocês, mas porque meu descontentamento com eles é muito grande, maior do que o meu descontentamento com vocês. Todavia, se vocês continuarem a viver desse jeito, a minha ira se voltará contra vocês no dia da vingança. (Êxodo 32:34)

Vemos isto acontecer freqüentemente no Velho Testamento como, por exemplo, quando Deus separou Nabucodonosor em Babilônia e resolveu utilizá-lo como "navalha alugada", segundo Isaías (Is 7:20). Ou seja, Deus alugou uma navalha histórica para disciplinar Israel. Nabucodonosor, todavia, foi muito além. Não só navalhou, como castrou muitos homens, quem sabe desejando eliminar quase que totalmente a possibilidade de procriação do povo. Então, Deus lhe disse: como você exagerou, agora você vai ser esmagado.

O que aconteceu com Nabucodonosor e Israel é o mesmo princípio que está funcionando aqui. A gente vê a manifestação do poder de Deus aparecendo, e a relaciona imediatamente ao portador ou ao veículo desta manifestação histórica visível, sem nos dar conta destas duas percepções.

Discernindo a manifestação da presença de Deus

Neste episódio de relacionamento franco entre Moisés e o Todo-Poderoso, a presença de Deus se define como:

1. Resultado da intimidade do homem com Deus.

O texto de Êxodo 33:7-11 descreve a relação cotidiana de Moisés com Deus. Ele arma a sua tenda fora do arraial, chamada de "Tenda da Congregação", e para lá vai todos os dias. O povo todo ficava em pé para vê-lo passar, e quando ele entrava na tenda, a coluna de nuvem que estava sobre o arraial descia e se colocava à porta da tenda. A palavra de Deus diz que o povo todo via a coluna de nuvem: *"eis que o Senhor falava com Moisés face a face, como quem fala a seu amigo". (v.11)*

Isto é uma coisa maravilhosa! Vejamos que contraste entre o texto de Êxodo 33:17 , quando Deus diz a Moisés "*Eu te conheço pelo teu nome*", e o de Mateus 7:23, quando o Senhor diz: *"Nunca vos conheci".*

Aqueles queriam e usavam apenas o poder, ao passo que Moisés usa o poder e curte a presença. A presença de Deus é resultado de intimidade com ele; de vida com ele; de tempo na presença dele; de mente que pensa nas coisas dele, que busca se

conformar com o caráter dele, que procura pensar os pensamentos que possam se amalgamar com os pensamentos dele, que deseja se submeter à vontade dele. Uma alma que encontra prazer NELE.

2. É o resultado da consciência e experiência da graça de Deus.

Esta não é apenas uma consciência teológica, é uma consciência da experiência que prova a graça no coração. Em Êxodo 33:18-23 vemos Moisés diante desta experiência que gera consciência e que também experimenta, de maneira prática, a graça de Deus. Ele se aproxima de Deus, que o leva a um lugar especial onde ele se prepara para ter aquele encontro cara a cara com o Senhor. *Então ele disse: "Rogo-te que me mostre a tua glória. Respondeu-lhe Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor". (v.18,19 a)*

O verso 14 é a introdução de como a presença de Deus se manifesta: *"A minha presença irá contigo e eu te darei descanso."* Isto tem a ver com graça de estar diante dele sem pânico, sem fobia, sem temor, sem culpa. Tem a ver com a experiência do abandono, do repousar na graça divina.

O verso 19 diz que o Senhor afirma a Moisés que ele que vai fazê-lo conhecer toda a sua bondade. Afirma a compaixão soberana e graciosa de Deus:

"Eu terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão e serei misericordioso com que eu quiser

ser".

Isto é graça radical. É decisão dele.

O verso 21 nos fala de um lugar de sossego: *"Eis aqui um lugar junto a mim..."* Este lugar junto a Deus é lugar de descanso, de aconchego, de abraço, de agasalho, de aninhamento.

O verso 22 usa outra expressão da graça: *"Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha, e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado."* A mão que cobre, que protege, que guarda, que livra.

Traduzindo isto tudo: **a experiência da presença de Deus é proporcional a nossa consciência da graça que apazigua o coração, que dá descanso à mente, que nos faz ver a nós mesmos cobertos e justificados pela mão de Deus, pelo sangue do Cordeiro, e que nos assegura que há um lugar junto a ele, sem medo, sem pânico, sem fobia e pavores**. A compaixão dele é unilateralmente graciosa, pois ele decidiu ser meu Deus.

Para experimentar a presença de Deus é fundamental crer na graça, saber que nada merecemos, que não somos suficientemente justos para estar diante dele ou mesmo nos dirigir com palavras a ele. Todavia, a graça nos abre a porta para a presença de Deus. Não é com feitos, não é com sacrifícios, não é com obras nem com

conhecimento. É pela graça.

É possível experimentar o poder de Deus sem experimentar a presença de Deus

O que afirmo, com base no texto que estamos estudando, não vejo ser dito por aí. No entanto, tenho plena convicção de que isto tem a ver com a palavra de Deus. É teologia séria e pura. A grande lição deste episódio é justamente esta: podemos experimentar o poder de Deus sem, contudo, experimentar a presença de Deus. Vamos rever o capítulo 32, verso 34, o que diz: *"Vai, pois, agora, e conduze o povo para onde te disse: eis que meu Anjo irá adiante de ti; porém no dia da minha visitação vingarei neles o seu pecado."*

No capítulo 33 versos 2 e 3:

"Enviarei o Anjo diante de ti; lançarei fora os cananeus, os amorreus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus.

Sobe para uma terra que mana leite e mel; eu não subirei no meio de ti, porque povo de dura cerviz, para que te não consuma eu no caminho."

Se prestarmos atenção a este texto, perceberemos claramente esta realidade. O anjo do Senhor estaria com eles, mas o próprio Senhor não iria. Parece algo confuso ou mesmo incoerente. O

anjo vai para efetuar o poder liberado de Deus, mas o Senhor não está no meio deles. É como se Deus estivesse falando desta maneira com aquele povo: vocês querem prosperidade? Eu vou dar prosperidade a vocês, vão ter vitória sobre os heveus e todos aqueles povos. Vocês querem uma terra boa para plantar, colher, produzir? Eu darei uma terra que mana leite e mel para vocês, terra que eu prometi aos seus ancestrais. O que mais vocês querem? Um anjo poderoso que vá com sua espada desembainhada derrubando obstáculos, abrindo caminhos? O anjo irá. Todavia, eu não irei, pois vocês são povo duro, *casca grossa*, rebelde e minha presença não estará convosco. Se eu for convosco minha presença vai consumi-los, pois não posso estar no meio da corrupção, da mentira, do adultério, da violência, da fofoca, da cobiça, da traição, da indiferença, da amargura... não, minha presença não se compatibiliza com isto.

Isto me assusta! E não creio que estou interpretando o texto de forma duvidosa, pois é claro como a luz o que o Senhor está dizendo. Ele diz que é possível haver prosperidade, vitória e até um anjo abrindo caminho para crentes mascarados, mas a presença do Todo-Poderoso não se afina jamais com a dureza de coração e com o pecado. **Toda real manifestação da presença de Deus traz em si mesma a manifestação do poder de Deus, mas a mera manifestação de tal poder não garante a realidade da presença de Deus.**

A presença de Deus disponibiliza o poder de Deus, mas a disponibilização do poder de Deus nem

sempre afirma sua santa presença em nosso meio.

O grande desafio que vejo para mim, para você e para a igreja de Cristo é a possibilidade de integrar a experiência do poder com a da presença de Deus. Que o poder e a presença de Deus possam andar juntos; sejam sintetizados, gerem uma química poderosa em nossas vidas.

Deus não deseja que sejamos acomodados, nos satisfazendo apenas com a manifestação do seu poder, mas que possamos buscar a sua presença, podendo ver em nossas vidas o caráter e a intimidade de Deus.

Moisés não aceita uma coisa sem a outra: *"Se a tua presença não vai comigo, não nos faça subir deste lugar."* (Êx 33:15) Moisés não crê na possibilidade de se contar com o poder de Deus e abrir mão da presença dele.

Como vimos, isto é até possível, mas é desastroso, e é exatamente o que acontece na lógica pagã, por exemplo : quando alguém vai a macumba ou à quimbanda não vai querendo o diabo, vai querendo poder. Raramente a gente ouve alguém dizer que foi ali atrás do diabo mesmo. O que as pessoas querem é poder para destruir um casamento ou para agarrar um homem ou uma mulher; poder para destruir uma sociedade, para conseguir prosperidade, para sarar de uma enfermidade, para se vingar de um inimigo. Você não ouve dizer algo como: Vou fazer um trabalho para destruir meu

inimigo e ficar cheio da presença do diabo. Apenas num estágio muito avançado do satanismo é que pessoas se conscientizam e manifestam este compromisso explicitamente. No dia-a-dia, o que as pessoas querem é poder sem a presença.

Infelizmente, temos visto a mesma lógica pagã dentro da Igreja. As pessoas querem o poder sem as implicações da presença de Deus, do amor de Deus, do caráter de Deus. Isto é paganismo puro!

Moisés diz que para ele não interessa o anjo, não interessa a terra, não interessa a destruição dos seus inimigos: se Tu, Senhor não vieres comigo eu não saio deste lugar pois o que eu quero é andar na Tua presença. A lógica de Moisés é fulminante, reduzindo a nada o poder que não implica na presença do Senhor.

A nossa vitória é possível, não em razão da vida com Deus, mas em razão do juízo de Deus para com os nossos adversários

O povo de Deus não deve se satisfazer com o sucesso em vencer os inimigos, pois a grande vitória é andar com Deus. *"Como se há de saber que achamos graça diante dos teus olhos, eu e teu povo?* (Não é pela terra, não é pelo anjo, não é pela destruição dos inimigos.) *Não é porventura em andares conosco, de maneira que somos separados eu e o teu*

povo de todos os povos da terra?" (Êx 33:16)

Moisés sabe que a única vitória que dura para sempre é a vitória de se andar com Deus. O anjo pode lhe dar vitórias circunstanciais. Você pode ter prosperidade. Mas a vitória que dura pela vida a fora, que embranquece com os nossos cabelos, só poderá ser usufruida se estivermos na presença de Deus, caso contrário, a vitória de hoje pode receber castigo amanhã (Êx 32:34). Deus não se associa ao pecado.

O que acontece quando integramos o poder à presença de Deus

Moisés nos diz o que acontece quando o povo de Deus decide não ter apenas o poder, mas tê-lo acompanhado da presença de Deus. Quando podemos dizer: quero conhecer ao Senhor e por ele ser conhecido; quero que ele me chame pelo meu nome; quero experimentar sua bondade; quero este cantinho junto a ele, este agasalho, a mão dele me cobrindo; quero ouvir sua voz me orientando me ensinando, quero crer na graça unilateral dele e quero, ao mesmo tempo, ver o anjo indo adiante de mim, abrindo portas, me guardando, me dando as vitórias.

Quando esta consciência se internaliza, e nós, como povo de Deus, externalizamos diante dele e do mundo este desejo de integração total da presença com o poder de Deus, duas coisas maravilhosas

acontecem.

As maravilhas da presença e do poder de Deus

A primeira é que nós vemos **sinais extraordinários acontecerem**.

"Eis que faço uma aliança; diante de todo o teu povo, farei maravilhas que nunca se fizeram em toda a terra, nem entre nação alguma: de maneira que todo este povo em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor; porque cousa terrível é o que faço contigo" (Êx 34:10)

Em outras palavras, Deus está dizendo: se vocês não quiserem se satisfazer apenas com o anjo e quiserem andar na minha presença, vocês verão coisas extraordinárias que nação nenhuma jamais viu, povo algum nunca presenciou, coisas estas que ainda estão para ser escritas. **O melhor do passado não é referência para o melhor do futuro, quando se está na presença de Deus.** Freqüentemente, vejo as pessoas se reportarem apenas ao passado, como se as maravilhas que um dia foram operadas pelo Senhor não pudessem acontecer novamente. Mas o Deus de Moisés está dizendo que o que foi grande no passado não vai ser nada perto do futuro de quem desejar estar diante dele.

Uma frase famosa do grande evangelista Moody é: "O mundo ainda está para ver o que Deus pode

fazer através de um homem que se coloca nas mãos dele". Moody cria neste Deus que não limita suas bênçãos, que não economiza milagres, que é Todo-Poderoso sempre – no passado, no futuro e no presente, e que qualquer pessoa que o busca de todo o coração, se propondo a estar na sua presença, experimentará a grandiosidade do seu amor.

A segunda coisa que Deus diz é que não só sinais extraordinários vão acontecer, mas **uma beleza divina vai nos cobrir**. Moisés fica na presença de Deus exposto à bondade, à graça, à misericórdia, à compaixão, à justificação. Ele estava no monte, literalmente na presença do Senhor, e quando desce a Bíblia relata o que aconteceu:

"Quando desceu Moisés do monte Sinai tendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte não sabia Moisés que a pele do seu rosto resplandecia depois de haver Deus falado com ele (...)" (Êxodo 34:29 a 35).

Aleluia! Você começa a ouvir a voz de Deus e seu rosto começa a brilhar, uma aura resplandecente cobre você. E quem a vê percebe que esta aura é de outra natureza. É o reflexo de Deus em nós, do caráter de Deus, da bondade de Deus, da misericórdia de Deus, da paciência de Deus, da sabedoria de Deus. Enfim, essa beleza é como uma luz que ilumina com esperança o meio ande estamos, nossa família, nosso trabalho, nosso casamento, nosso ministério, nossas relações. Não é uma simples aura, mas uma aura divina que resplandece com poder e com paz no rosto

daqueles que estão andando na presença do Senhor. Esta beleza divina, que pode estar sobre mim e sobre você, não tem apenas a ver com Moisés, como nos afirma Paulo:

"E se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito?

Porque se o ministério da condenação foi glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça". (II Co 3:7-9)

O que Paulo diz neste texto é que a glória experimentada por Moisés no tempo da condenação, ou seja, no tempo em que não havia a salvação pela graça, através do sangue de Jesus, não seria maior do que aquela que vem no tempo da promessa, do Espírito Santo, da graça de Deus. Moisés subia o monte para estar diante do Senhor. Esta presença era esporádica, mas, hoje, só precisamos abrir o coração e invocar o nome de Jesus, o Sumo-Sacerdote que nos abre este contato imediato com o Todo-Poderoso. Hoje, só precisamos crer e usufruir do Espírito Santo consolador de nossas almas e doador de dons inefáveis.

CONCLUSÃO

Há no nosso meio hoje muita gente com a teologia do povo de Israel no deserto, muita gente cultuando o anjo, mas não adorando o Senhor. Muita gente que cultua tradições ou mesmo a igreja onde se converteu, o profeta que orou com ele por uma enfermidade e que, a partir daí, ficou curado. Tem muita gente cultuando o pastor que pregou uma mensagem ungida, o irmão que tem dons espirituais, mas, às vezes, estas mesmas pessoas esquecem de adorar o Senhor que efetuou a cura, que converteu o coração, que ungiu a profecia. Muita gente está vibrando com a terra de onde mana leite e mel e com os inimigos que fogem espavoridos, mas pouca gente disposta a ficar sozinha no monte sentindo a presença do Senhor.

Muito são os que celebram, choram, se emocionam nos cultos, mas não conseguem estar a sós com Deus. Há muita celebração da prosperidade humana, mas pouca celebração da presença de Deus. Muitos são os que vibram com a realização de um bom negócio; com um bom faturamento na empresa; com o carro novo; com aquele adicional financeiro inesperado... mas não vibram com o impacto da palavra de Deus no coração; não buscam o conhecimento; não dão valor à oração do louvor e não têm um coração grato em qualquer circunstância.

Há também os que não querem questionar: existe poder? há pessoas sendo curadas? os demônios estão sendo expulsos? a mesa está farta? Então está tudo bem. Não é preciso questionar se o que estamos fazendo é certo ou errado — o poder é visível e isto basta!

É possível ter o poder sem ter a presença, mas é impossível viver na presença sem que, de alguma maneira, se experimente o poder de Deus, que não é apenas uma manifestação sobrenatural, mas a força que nos ajuda a viver em vitória sobre o pecado. Acerca de João Batista, Jesus disse: *"Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista..."* (Mt 11:11)

E o apóstolo João falando de João Batista disse: João, na verdade, nunca fez nenhum milagre, mas tudo o que disse a respeito de Jesus era verdade. Esta é uma grande ironia, que o maior entre os nascidos de mulher não tivesse realizado nenhum milagre. Todavia, ele tinha o poder da verdade em sua boca.

Que nós possamos ser cavaleiros de Deus que pregam a verdade com carisma, que possamos ver sinais acontecendo, mas que o fundamental não seja o que aparece, mas, sim, o que está no coração. Eu sonho com a manifestação integral deste poder de Deus no meio da Igreja, mas fico arrepiado, preocupado ao ver pessoas apenas celebrando o poder e se esquecendo do caráter de Deus. Vamos pedir que o Senhor nos ajude a andar na presença

dele, e que o seu poder venha como complemento, como sinal, como o derramar da sua graça sobre o seu povo, para a glória do seu santo nome. Amém.